EDUARDO FERREIRA LEITE

VOLUME 2

JESUS QUÂNTICO, JESUS CÓSMICO



JESUS TOTAL, MUITO ALÉM DAS RELIGIÕES

VISEU



Copyright © Viseu
Copyright © Eduardo Ferreira Leite
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina
projeto editorial: BookPro
coordenação editorial: Blenda Castro
revisão: Maiara Stéfani Costa Brandão
copidesque: Évelin Tiedt
versão digital: Fabio Martins
capa: Clara Wanderley

e-ISBN 978-65-598-5145-4

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Viseu Ltda.
contato@editoraviseu.com
www.editoraviseu.com

Introdução

Eis que chegamos à segunda parte deste trabalho.

Estes derradeiros capítulos são, sem dúvida, os mais relevantes deste ensaio. Tentaremos trazer neste item, dividido em três tópicos, um diferencial (sem excesso de pretensão), que distinguirá este trabalho das centenas, ou melhor, das milhares de obras que abordam o homem mais importante da história da humanidade.

O leitor mais atento perceberá que tudo teve uma sequência lógica no desenrolar dos capítulos como se fossem degraus que, passo a passo, temos que galgar para se chegar ao cume, a fim de acessar a compreensão de uma personalidade-entidade de complexidade muito superior à mera interpretação racional, histórica e científica.

Estes três últimos enfoques são conclusivos, e, para muitos, consistirá em surpresa, tendo em conta que ao longo de grande parte deste texto fomos extremamente realistas com o Jesus das religiões: aquele que chegou ao século XXI forjado em inverdades e deturpado em sua realidade.

Porém, ao contrário do que a muitos possa parecer, a conclusão desta obra é uma redenção da dimensão da figura de Jesus Cristo e baseia-se em outros alicerces que possibilitam a transmutação daquele personagem manipulado e adulterado na pessoa mais importante da humanidade em todos os tempos.

Assim, após o enfático realismo trazido nos capítulos anteriores, propomo-nos agora a um total resgate, a ponto de elevarmos nossa visão ao ápice com a certeza de que esse personagem efetivamente tratou-se do maior de todos os homens por encerrar em si a maior concentração do divino já detectada em algum ser que já passou por esta existência. Sendo que, justamente para pôr as coisas em seus devidos lugares e recolocar e alinhar Cristo à sua gigantesca, real e exata dimensão, é que propusemo-nos antes, nos capítulos anteriores, a um necessário vislumbre radical quanto à realidade da manipulação e adulteração de sua imagem, de suas mensagens e as consequências dessas deturpações.

Somente depois desse choque de realismo é que, nesta segunda parte do trabalho focaremos na busca de pinçar esse ser das cinzas e conduzi-lo ao seu verdadeiro e incomparável patamar, acima de qualquer religião que possa pretender apossar-se de sua figura, seja para intermediar o acesso a Deus ou para colocá-lo como o próprio Deus. Com efeito, o Cristo Quântico, o Cristo Cósmico, o Jesus que aniquila a matéria e coloca-se a serviço do Espírito é o tema dos próximos capítulos.

Capítulo I

Não à religião

A grande verdade é que, desde sempre, todos querem capturar Cristo para si. Todo mundo quer se apropriar de Cristo e da sua imagem. A religião católica, suas derivações, bem como cada uma das religiões evangélicas dão uma nuance própria de interpretação para Cristo. O fato é que todos querem tomar conta do território crístico e de sua herança para tê-lo como bandeira visível a manipular seus seguidores.

Assim sendo, o Jesus Total e verdadeiro só pode ser encontrado e interpretado nas suas legítimas origens com a intelecção de suas mensagens em sua língua materna, o aramaico, dialeto de difícil tradução para as línguas atuais, principalmente levando-se em conta serem mensagens e temas que tiveram sua origem há dois mil anos, num recôndito pedaço daquele mundo antigo.

Deste modo, não temos a menor dúvida em afirmar que a maior parte daquilo tudo em que a cristandade baseou e baseia sua fé, por incrível que pareça, não foi ensinado por Jesus, sendo que, da mesma forma e a contrário sensu, grande parte daquilo que Jesus ensinou simplesmente a cristandade desconhece. Não temos o menor temor em fazer esta ousada afirmativa.

Como já foi bastante aprofundado neste trabalho, muito do que se lê sobre Jesus no Novo Testamento, foi

comprovadamente adulterado, adaptado, remodelado e inclusive inventado por interesses ou até mesmo pelo próprio desconhecimento de sua realidade.

Também, como vimos, as primeiras produções escritas que se debruçaram sobre a vida de Cristo, chamadas de “Evangelhos”, foram, conforme comprovação histórica, escritos por intérpretes clássicos (Greco-Romanos) ou copiados em latim muitas vezes em décadas e até séculos após a morte de Cristo, portanto, muito distante da poeira aramaica.

Nem se mencione que as fontes judaicas e aramaicas das quais nasceram as mensagens legítimas de Cristo são, como já dito, de difícil interpretação e intelecção para as línguas modernas. Seria quase que o mesmo que traduzir hieróglifos egípcios para o inglês moderno ou para o mandarim, falado atualmente na China. Os universos e contexto são muito díspares. Destarte, as línguas antigas da Igreja em nada contribuíram na compreensão do Jesus de sua língua natal.

Como bem destaca Franz Alt em sua obra “As cem mensagens mais importantes de Jesus”, na página 16:

> como teólogo que estuda Jesus com fervor, Gunther Schwarz observa: “Jesus era judeu. Viveu em ambiente judaico, em um mundo intelectual marcado pelo Antigo Testamento. Os gregos viveram em um mundo intelectual completamente diferente. Portanto, a tradução das palavras, das parábolas e dos atos de Jesus para o grego foi não apenas uma transposição para outros idiomas, mas também para outro mundo intelectual”. Eis porque hoje muito do que nos é transmitido Dele nos parece incompreensível.

Com efeito, o Jesus que vamos buscar nesta etapa de nosso trabalho tem como base e única possibilidade de ser aferido

satisfatoriamente em suas reais fontes aramaicas e num contexto muito sutil de adaptação de sensações e valores.

Para iniciar este crucial enfoque, faz-se absolutamente necessário começá-lo com algo de fundamental importância, mas que é desprezado pela maioria das pessoas que tentam estudar o Jesus em seu real patamar. Esta importante ênfase consiste em diferenciar religião de espiritualidade.

Parece simples, mas esse Jesus sempre foi um ser espiritual, e nunca um ser religioso. É importante fazer a ressalva de que comprovadamente Jesus Cristo era um conhecedor da Torá, por tratar-se de um típico judeu inserido dentro do contexto religioso de sua época. Porém, seu indubitável comportamento em inúmeras ocasiões comprovadas é o de que sempre atuou de forma a não deixar a menor margem de dúvida no sentido de não ser um religioso. Pelo contrário, tratava-se ele, na verdade, de um radical opositor à religião judaica instituída e praticada na época.

Assim, é cediço, e incontestável, que o cristianismo, como há muito reconhecido pelos historiadores e críticos, trata-se de uma religião sobre Jesus Cristo, e não a religião de Jesus Cristo ou criada por ele.

Cristo não formatou, em absoluto, religião alguma. Ao contrário, seus sucessores foram quem instituíram toda essa modelagem de ritos, sacramentos e simbologias para envolverem o maior número possível de adeptos em rituais repetitivos que visaram e conseguiram formatar uma religião denominada Católica Apostólica, bem como suas centenas ou milhares de divisões cristãs em seitas de múltiplos rituais.

Voltando aos fatos históricos e incontestáveis sobre a vida e as ações de Jesus Cristo, salta aos olhos inúmeros exemplos de sua revolta e tentativa de desconstrução daquele judaísmo arcaico e hipócrita que só visava o poder e os bens materiais em troca do acesso às benesses de Deus.

Foi assim que Jesus, em confrontos que iriam lhe custar a vida, de início deflagrou verdadeiro escândalo ao liberar seus apóstolos e demais seguidores a não guardarem o sábado, dia sagrado da religião judaica que há séculos era um dia consagrado às orações, meditações e ao jejum.

Esse Jesus, simplesmente fala de forma clara que a fome e a necessidade do cultivo da terra não podem obedecer as limitações atribuídas a Deus, e que o seu Deus não é o Deus da fome, destarte contrapondo-se de forma frontal aos fariseus, escribas e aos sacerdotes do templo.

A mensagem de amplitude cósmica também é trazida à tona por Jesus no sentido de que a vida deve ser vivida e usufruída no hoje, no aqui e no agora.

Neste diapasão, verifica-se que quase a totalidade dos prodígios e milagres executados por Cristo ao longo de sua vida tiveram essa intenção, qual seja, proporcionar qualidade de vida nesta existência, ao curar cegos, aleijados, loucos, leprosos, enfim, toda a gama de males e enfermidades visando propiciar o desfrute desta vida em nosso dia a dia. É a implantação do Reino de Deus nesta Terra, no aqui e no agora, com poucas menções e ênfases à futura morada celeste.

Aliás, esta promessa distante foi um dos temas (do Paraíso após a morte) incentivados de forma intencional pelos criadores

da religião cristã, como se fosse a espinha dorsal das mensagens crísticas, tratando-se de tema forjado na busca da exploração e do controle do ser humano, que escravizado e miserável nesta vida, enriquecia os tesouros da Igreja dominante com a esperança do Paraíso *pós mortem.*

Vejamos o trecho do "O Pai Nosso", a oração ensinada e deixada pelo próprio Cristo:

"O pão nosso de cada dia nos dai hoje".

Jesus Cristo, nesta frase, muito mais garante do que pede ao Pai o pão de cada dia. Percebe-se a afirmação de que o pão nosso é dado por Deus a cada dia com a ênfase de que o mesmo seja fornecido no hoje.

Profunda e abrangente esta colocação do hoje, pois induz a mensagem de que se deve ter consciência da importância do aqui e do agora.

O "hoje" nada mais é do que o eterno momento do agora, é o único lugar que existe, onde nunca faltará provisão, visto que o passado, com suas marcas e cicatrizes, nada mais é do que lembranças que se acessam quando se quer. Da mesma forma, o futuro é a ideia e a imaginação do que ainda não existe. Aquilo que vai fazer ou que está se programando, simplesmente é projeção. Jesus Cristo acende a luz sobre a verdade intransponível, porém, distante e abstrata para muitos, no sentido de que só existe o agora, o momento presente, ao referir que as buscas e pleitos (o pão nosso de cada dia) nos serão dados hoje.

A importância da mensagem contida na ênfase do hoje que Cristo transmite expressamente em sua oração, é a de que a

chave para podermos entrar no castelo do reino de Deus é o agora: é nisso que consiste a iluminação. Não ocorrendo as preocupações com o futuro nem com as ilusões que um passado distante possa influenciar, e, concentrando-se no universo eterno do hoje, que nada mais é do que o sutil e sucessivo desfile de instantes do agora, se conseguirá, indubitavelmente, através da desvinculação do pensamento e da desconcentração daquilo que não existe (passado e futuro), com o abraço do próprio Deus que habita dentro de nós hoje, no agora, no eterno e único lugar que realmente existe.

Ademais, quando Jesus se refere ao "pão nosso de cada dia", ele quer retratar justamente aquilo que o homem necessita, tanto em termos materiais, ou seja, o alimento do corpo, quanto no âmbito espiritual, nada mais que o alimento da alma, e que tudo isto é provido naturalmente para todos os seres vivos. Ao contrário, o que macula e infesta de dúvidas e sofrimentos tal provisão, que na sua essência é infinita e advém de Deus, é justamente o divórcio e o distanciamento do ser humano com o agora. Isto é, a partir do momento em que o ser pensante projeta incessantemente suas preocupações ao universo do porvir, baseado em experiências de tudo aquilo que já foi, bem como com a ansiedade e os questionamentos relativos a preocupações quanto à subsistência do corpo e da alma, a dúvida e o sofrimento inexoravelmente se instauram no seu ser, afastando-o da iluminação do eterno agora, onde nada falta. É dentro deste contexto que se faz a mensagem: o pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Por outro lado, essa situação de que a lei e a religiosidade judaica eram a expressão da vontade de Deus perante todos naquele mundo, como já dito, foi revolucionariamente implodida por Jesus Cristo. No seu tempo, havia a Torá escrita, o chamado Pentateuco, e a Torá oral, ao qual se denominava Halaka, que era justamente a interpretação da Torá escrita. O Jesus totalmente Cósmico e de alcance transcendente fez uso da Torá escrita para mostrar a importância do respeito à vida, e o amor ao próximo, radicalizando até alguns mandamentos e realizando ampliação sutil no âmbito comportamental: o "não matarás" passou a abranger também o não ter raiva, não insultar o próximo, e assim por diante.

Fica claro como as tradições humanas criadas supostamente em nome de Deus são condenadas por Cristo, que esvazia aquela palavra dura e distante de Deus. Como já dito, Jesus fez isso com o sábado, recolocando esse dia em seu devido lugar, isso porque não se pode legitimar a fome em nome de Deus.

Simplesmente, Jesus relativiza aquele arcabouço de leis e costumes para que a vida volte a ocupar o lugar que lhe é devido, apresentando um Deus diferente, não manipulável, que não aceita discriminação, nem o culto sem a justiça. Jesus se colocou neste total embate contra a base da vida e do poder de fariseus e escribas, desafiando ídolos, mostrando a hipocrisia para dessa forma, inarredavelmente, atrair sobre si toda violência e vingança dos seguidores do "ídolo".

O Jesus da vida e do aqui e do agora foi contra a marginalização do povo humilde que ignorantemente via aquilo tudo como natural e até necessário, pois tratava-se da vontade

de “Deus”, visão essa aceita e acoplada pelos sacerdotes do Templo. Enfim, leprosos, pobres, samaritanos, doentes e endemoniados eram pessoas de segunda classe que não tinham acesso a todos os direitos, muito menos a galgar a salvação do Templo por aquele “Deus envidraçado”.

Repita-se: os milagres de Jesus nada mais são do que atos de reintegração das pessoas ao pleno convívio social. Junto com a cura, as pessoas antes discriminadas podiam voltar a ter uma vida normal na comunidade, garantindo, assim, simplesmente a vida e a dignidade.

É visceral a ação do Jesus Cósmico por se opor ao Clero que lucrava com essa discriminação, a qual Jesus literalmente chamava de hipócrita, vaidosa e falsa.

Em Mateus (Capítulo 23), Jesus sintetiza esta guerra proclamando: “Gostam de ocupar os lugares de honra nos jantares e os primeiros assentos nas Sinagogas, de ser saudados nas praças públicas e de se fazer chamar de “mestres” pelos homens” (V.6-7).

Em mais uma frase basilar, Jesus assim se refere a estes fatos: “Como sabeis, os que são considerados chefes das nações as mantêm sob o seu poder, e os grandes, sob seu domínio” (Mc 10,42).

Isto quer dizer que, os poderosos exercem o poder tirânico em nome de Deus e Jesus mostra a opção de se escolher a vida acima de tudo.

Em síntese, a mensagem crística da conscientização do Deus interior e a de que o Reino de Deus está dentro de nós não se

antagoniza. Pelo contrário, se une ao primado de vivermos a vida no hoje e no agora de maneira saudável e feliz.

Outrossim, é de se relembrar, como também já mencionado neste trabalho, que a dominação daquele povo faminto e miserável se dava por três frentes, quais sejam: i) pela nobreza judaica; ii) por Roma e o iii) e pelo clero judeu que dominava o templo de Jerusalém com o monopólio da religião. Quanto à Roma, Jesus tudo sintetizou em sua famosa mensagem ao responder à hábeis inquisidores no sentido de "dar a César o que é de César e dar a Deus o que é de Deus".

Já quanto ao sinédrio do templo judaico, Jesus não se conformou em ver seu povo faminto ter que levar à Jerusalém os poucos víveres e recursos que possuía para simplesmente serem transformados em sacrifícios que enriqueciam, mais e mais, os bolsos dos fariseus. A fome e a miséria eram as consequências para o pobre judeu daquele tempo ter acesso a Deus ou se salvar, pois levavam ao altar do templo seus animais para sacrifício ou eram obrigados com seus parcos recursos a comprarem animais nas portas do Templo para as oferendas. Na verdade, o que ocorria era um grande e total mercantilismo para o homem ter acesso a Deus e seus benefícios.

A intermediação era cobrada a peso de ouro e todos os judeus, sem exceção, eram obrigados pelo menos uma vez por ano, normalmente no Pessach, a fazer suas oferendas, que seriam muito mais gravosas se estivessem doentes ou com algum defeito físico. Aí, o pedágio de sacrifícios e pagamentos era muito maior e mais caro para que aquela pobre gente tivesse a ilusão de algum alívio divino.

Foi contra isso, principalmente, que Jesus se insurgiu ao proceder o famoso episódio da "purificação do templo", literalmente partindo para cima dos cambistas, comerciantes e fariseus que exploravam em nome dos sacerdotes do sinédrio aquele povo religioso e miserável.

Talvez, a maior flecha desferida contra o âmago desta enorme estrutura material construída de falsidades e privilégios está concentrada em uma única e simples mensagem objetiva que fez tremer toda essa engrenagem que contrariada e ameaçada, simplesmente providênciou o assassinato do profeta cósmico que disferia contra as bases desse clero mensagens inimaginavéis e de outra dimensão: "o Reino de Deus está dentro de vós". "Meu Reino não é deste mundo".

O clero judeu não estava preparado para uma proposta de tamanha dimensão espiritual. Estas mensagens nada mais são do que a alforria e o verdadeiro passaporte para o acesso direto a Deus. Jesus Cristo Cósmico e genial derrubará com palavras e atos toda a estrutura material de pedágios impeditivos ao acesso a Deus, dando ao homem a consciência plena de que o verdadeiro Deus morava dentro de cada um, jamais dependendo de intermediários para ser usufruído e acessado.

Esta é a grande avenida cósmica que Jesus lançou na libertação de todo ser humano. Isto nada mais consiste do que um "não" rotundo a qualquer religião e um "sim" profundo à toda espiritualidade.

Nada de ritos, nada de formulações e complicações para se ter acesso a Deus: é o Deus direto e injetado na veia do ser humano, conquistando corações e mentes ao direto abraço do Deus que

está aí, que habita em todos, desde os mais humildes, pobres e doentes, até os mais afortunados e poderosos dos reis. Em síntese, repita-se, o passaporte cósmico para o acesso ao reino de Deus nos foi dado. A viagem é muito mais acessível, curta e direta do que se imaginava.

Sua mensagem é claríssima e a chave estava e sempre esteve em nossas mãos, ou melhor, dentro de nosso coração. O Deus foi descoberto não nas alturas, mas sim dentro de nós mesmos, bastando para este total acesso apertar o botão do percebimento.

Eureka! Como o maior de todos os chacoalhões, como que um pai preocupado pode aplicar em um filho adolescente, um verdadeiro solavanco, com as mãos nos dois ombros, Jesus Cristo nos chacoalhou num ir e vir que nos estremeceu dos pés a cabeça e nos trouxe a acachapante consciência de que nós próprios somos a essência de Deus, ao repetir. “O reino de Deus está dentro de vós”. Meu reino não é deste mundo.

Jesus fez com que de uma noite, que nem ainda havia chegado à madrugada, à meia noite inesperadamente se transformasse num lindo dia de luz e céu azul. Imediata e instantaneamente, o sol raiou sem sequer a necessidade de um segundo de alvorada.

Diante de todas as buscas e dúvidas, Jesus revelou a verdade de uma só vez. Uma verdade tão plena, simples e óbvia que, justamente por isso, nunca fora encontrada ou entendida.

Eureka! Ovo de Colombo, “o reino de Deus está dentro de vós... Quem não renascer pelo espírito não pode entrar no reino de Deus”.

Nada mais claro, direto e simples. A mensagem do mestre cósmico consistia em repetir que era nossa missão conceber Deus como estando sempre dentro de nós, o dia todo, como um amigo íntimo, nosso eterno e único companheiro de viagem. Nos ensina a ficarmos em silêncio em oração (meditação) para que todos sentissem e se encostassem nessa grande presença interior.

Simples e fácil, sem intermediários, sem sacrifícios, sem cerimônias, sem pagar pedágio, com a simples mensagem, qual seja: que nós próprios somos o nosso maior tesouro e quando percebemos esta divindade em nós mesmos, devemos acessa-lá e preservá-la acima de tudo.

Jesus, num lance, desmistificou a religiosidade, trazendo a consciência da espiritualidade, nos dizendo que Deus é o que há de mais nobre e melhor dentro de nós.

Insistia com os que lhe seguiam a praticarem a presença de Deus durante todo o dia, com a consciência de que Deus é a energia pura e a única causa, poder e substância do mundo e de tudo o que você vê, sente e toca. Absolutamente tudo é parte da sua manifestação.

Alicerçou que cada semelhante, ou seja, que cada pessoa que encontramos é uma manifestação de Deus. Ensinou também que ficássemos atentos quanto ao cipoal da ilusão do mundo tridimensional, do universo da matéria que tenta, a todo custo, nos distanciar da divindade, da unidade e da imaterialidade de nossa realidade que é totalmente divina e etérea.

Com efeito, também em outros trechos do “Pai Nosso”, oração por todos atribuída como de autoria de Jesus Cristo, há o

comando claro e indubitável: “Vem a Nós o Vosso Reino”.

Estas poucas palavras possuem um conteúdo infinito. Mais uma vez, fica estampado o comunicado em verdadeiro apelo para que o reino de Deus se implante em nossas vidas, pois somos filhos de Deus e seres divinos.

Ressalte-se que a mensagem não cogita em pleitear que o reino de Deus seja implantado diretamente na Terra, neste nosso mundo externo (tridimensional e material), mas sim, é indicado de maneira certa que este reino deva recair e ser instaurado no universo íntimo do si mesmo.

Daí a lição de Cristo nesta parte da oração, a fim de que pleiteamos o reino de Deus dentro de nós, na nossa alma, sendo que somente dessa forma poder-se-á cogitar que o reinado de Deus e portanto, seus domínios, possam transbordar também para o mundo material: “o paraíso está dentro de vós”.

O brilhante Padre Charbonneau faz uma síntese maravilhosa desta realidade indicada por Cristo quando diz que “Não somos seres humanos numa experiência espiritual, somos seres espirituais numa existência humana”.

Destarte, a pergunta foi respondida por Jesus Cristo. Quem sou eu? Eu sou o eu divino. Jesus ensina que não há maior presente de Deus do que você mesmo, que lhe foi dado por ele (Deus). E que seu eu divino é sua companhia diária e eterna, para ser cuidado, amado, preservado, curtido e mantido com todo esmero, carinho, respeito e dedicação, e que a confusão, a raiva, a depressão, violência e todos os tipos de conflito surgem quando os seres humanos esquecem o que eles são.

A mensagem básica continua viva no sentido de que não somos uma experiência própria ou uma aventura pessoal e independente criada e idealizada por nós mesmos. Pelo contrário, somos um projeto idealizado e criado por Deus, portanto, deixemos que nosso próprio ser seja possuído pelo eu divino. Uma vez que você estiver possuído pelo seu próprio Ser, (Jesus afirma) o propósito de toda sabedoria foi alcançado, pois estaremos assim olhando para fora e para o mundo através dos olhos de Deus.

Porém, infelizmente, já sabemos pela abordagem levada a efeito em capítulos anteriores, que não bastou o passar de um ou dois séculos para que desafortunadamente e contrariando essa proposta cósmica a Igreja Católica se organizasse em hierarquia poderosa, num clero muito semelhante ao Sinédrio que Jesus tanto combateu em Jerusalém e recomeçasse a impor ao ser humano novamente aquelas grandes dificuldades e barreiras para se relacionar e chegar a Deus.

A invenção de ritos religiosos inseridos passariam a cobrar caro pelo bilhete que dá acesso a Deus. O clero católico transformou-se em intermediário e porta voz a impor indulgências, repressão, impostos, dízimos, o odor do incenso e tudo mais para conceder, como já dito, uma passagem viciada e falsa para o reino de Deus.

Mas, apesar e ao contrário desse ilusionismo criado pela igreja felizmente detectam-se as mensagens de transcendência cósmica nas quais Jesus inexoravelmente escancarou e abriu a avenida que chega ao grande tesouro que já possuímos e do qual fazemos parte sem a necessidade de nenhum intermediário. Ele

assim pregou: “O Reino de Deus não vem num tempo futuro, não se pode indicar o sinal de sua chegada. O Reino de Deus não vem num lugar especial, não se pode indicar o lugar de sua chegada. O Reino de Deus já se encontra aqui, no meio de vocês, agora”. “O Reino de Deus não virá de um modo ostensivo. Nem se dirá: Ei-lo aqui ou ei-lo ali. Pois, o Reino de Deus já está dentro de vós”. “Fiquem em silêncio, sintam a minha presença e saibam que eu sou Deus”. “Todo o meu corpo será preenchido pela luz”. “Antes de entrar no Templo, perdoe”. “Se Deus estiver convosco, quem poderá estar contra vós”. “Rachem um pedaço de madeira; lá estou eu. Levantem uma pedra e me encontrarão ali”.

Estas frases são de um alcance cósmico de dimensão infinita e, ao mesmo tempo, de primária simplicidade. Basicamente, Jesus coloca o Deus Todo Poderoso dentro do ser humano no local mais simples possível, ou seja, um Deus acessível e totalmente presente e vivo, sem qualquer separatividade.

Nesse sentido, reafirma Tomé atribuindo a Cristo:

> Jesus disse: se vossos guias vos disserem: o Reino está no céu, então as aves os precederam; o Reino está no mar, então os peixes os precederam. Mas, o Reino está dentro de vós e também fora de vós. Se vós conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai Vivo, se não vos conhecerdes, vivereis em pobreza e vós mesmos sereis essa pobreza.

Destarte, Deus revela-se como o Deus vivo, do aqui e do agora, da vida e dos pobres. Apesar da enorme deturpação eclesiástica, o fato é que Jesus jamais foi neutro, mas sim profundamente partidário da vida, sendo que aqueles que marginalizam a vida e colocam seu centro fora dela, elegendo símbolos, sacramentos e ídolos simplesmente são manipuladores da imagem e do acesso

a Deus. Enfim, Jesus além de revelar ele próprio foi a revelação cósmica em pessoa, vivendo essa opção radical pela vida, e superar a idolatria e recoloca Deus em seu devido lugar, qual seja: dentro do ser humano e em seu dia a dia, hoje e agora.

"E Vede! Não há Deus dos mortos, e sim Deus dos vivos, pois todos vivem a partir Dele" (Mateus 22,32).

Capítulo II

Herança divina

Como vimos no tópico anterior, entre tantas mensagens transcendentes e de grande importância espiritual, filosófica e existencial, há uma que é superlativa nesta plêiade de luz. Trata-se da consciência do Deus vivente no interior de cada um de nós, e sobre seu livre acesso e disponibilidade. Este foi o tema das últimas páginas.

Assim, é inexorável a conclusão superveniente de que se Deus habita nosso interior e que todos nós somos possuidores, cada qual de seu próprio Eu Divino, isto se dá porque todos nós somos seres divinos, todos nós somos filhos de Deus, todos nós somos um projeto idealizado e depois concretizado por esta força imensurável que tudo criou e de onde tudo provém.

Dentro desse contexto, no qual todos somos divinos, há de se concluir, por tudo que vimos até aqui, que Jesus Cristo foi, sem dúvida, a maior concentração do divino que já passou por esta existência entre o céu e a terra. Contudo, o próprio Jesus nunca afirmou ser o próprio Deus encarnado, como nos foi erroneamente ensinado e interpretado pelos idealizadores e doutores da Igreja.

Jesus declarou sim, inúmeras vezes, ser o filho de Deus, filho especial incumbido e capaz, inclusive, de instaurar uma nova relação entre o Pai (Deus e Criador) e a humanidade.

Sustentou também, com todas as letras, que todos os seres humanos, sem exceção, dos mais humildes, doentes e desvalidos aos mais poderosos, são todos filhos de Deus e, portanto, divindades, cada qual com sua fagulha divina a ser acessada pela conscientização e desobstrução do acesso à Deus que Jesus teve o condão de nos desfraldar.

Mais uma vez, citando o "Pai Nosso", oração que por todos é considerada a mensagem que Jesus nos ensinou diretamente de sua própria boca, de início, nos laureia com esta maravilhosa e incomparável condição de "filhos de Deus". Jesus, de pronto, nos traz à tona e nos joga à consciência este fato de primordial importância: a paternidade de Deus sobre todos nós.

Só isso já bastaria e nos daria suporte para a conscientização e superação de todas as nossas fragilidades, dúvidas e questionamentos, pois com este apoderamento de divindade, teríamos o estofo da própria vida divina. Enfim, a implicação desta condição de termos a paternidade de Deus traduz-se em verdadeiro vislumbrar de uma situação que quando por nós devidamente integrada, nos conduz à força e à paz total. É este o chip que Jesus se propôs a implantar em nossas almas.

Repita-se: tratando-se Deus de nosso Pai, quis dizer Jesus Cristo que todos nós, nesta condição de filhos de Deus, também somos deuses, pois somos possuidores da marca da divindade carimbada na nossa essência. Ninguém pode ser filho de alguém sem carregar em si todo o gene, herança, origem e condição de absoluta ligação e intimidade com a fonte criadora de nossas próprias vidas.

Enfim, o sentido dessa paternidade nada mais é do que a imposição da consciência de nossa origem divina, visto que somos criaturas advindas da própria vontade de Deus.

Este Pai divino, nesta mensagem, é nosso. Ou seja, abrange todos os seres vivos. A abrangência do pronome possessivo "nosso" impõe a nós a certeza de que o Pai é de cada um e é de todos nós, sem exceção. Ninguém é órfão. É Jesus quem nos dá essa certeza.

Assim, Jesus Cristo, por dezenas de vezes, insistiu claramente, como já mencionado, tratar-se de "filho de Deus", desfazendo-se de qualquer autodenominação, no sentido de tratar-se ou de considerar-se como o próprio Deus encarnado, inclusive com a autoreferência de que se tratava de "filho de Deus" e ao mesmo tempo "filho do homem", isto para que não pairasse dúvidas ou questionamentos sobre sua condição de ser humano. Reitere-se: filho do homem (apesar das muitas teorias inventivas e enigmáticas que discorrem sobre essa denominação), em todas as traduções da língua primitiva de Jesus, do aramaico para o grego, o latim e as línguas contemporâneas, nada mais significa que Jesus queria referir-se a si mesmo, como um ser humano, porém, com uma consciência de grande dimensão cósmica que o levava a acessar o Divino e a potencialidade quântica.

Como já dito, Jesus falava aramaico e não grego, e a expressão "o filho do homem" pode ser encontrada no próprio aramaico primitivo "Bar enash(a)" e também em seu equivalente hebraico *Ben adam.* Em ambas as traduções, o significado não é outro senão o filho de um ser humano. Portanto, quando Jesus se

autodenominava “filho do homem”, simplesmente queria dizer “homem”, para que não pairasse nenhuma dúvida sobre isso.

Então vejamos: o maior de todos os líderes, o maior de todos os santos, o maior de todos os filósofos, o maior de todos os profetas, enfim, por ser esta incalculável potencialidade, foi, sem dúvida, confundido com o próprio Deus, e com mais razão, no contexto de uma humanidade primitiva de dois mil anos atrás muito plausível que aquele pregador enigmaticamente possa ter sido visto como o próprio Deus.

Portanto, além de todas estas características e qualidades que colocam Jesus Cristo numa condição de ser superior quando comparado a qualquer ser humano que já existiu, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, tratar-se da maior concentração existente do elemento divino presente em um ser humano ao longo da história.

Porém, uma coisa é “ser divino”, ou melhor, ser o mais divino entre todos, aquele que atingiu a consciência quântica, o mais sábio e carismático entre todos os seres vivos, e outra, completamente diferente, é ser o próprio Deus em si mesmo e encarnado. Isto, com certeza, Jesus jamais pretendeu ser ou sequer afirmou.

Voltando ao estudo envolvendo a historicidade dos quatro Evangelhos canônicos, apenas em João é relatada a divindade de Cristo, ou seja, em Marcos, Lucas e Mateus não há sequer uma única menção ou insinuação de que Jesus Cristo tenha sido o próprio Deus encarnado. Porém, este errôneo entendimento ficou pacificado, ensinado e transmitido por toda a comunidade cristã durante os últimos dois milênios.

Como já salientado, o Evangelho de João foi o último redigido e, como se sabe, bastante influenciado por Paulo, porém, nem as cartas de Paulo e seus atos classificam ou dão esta definição de Jesus, no sentido de que fosse o próprio Deus.

Esse último Evangelho (que, conforme comprovado, sua autoria não foi do João apóstolo, e sim de um homônimo, também "João") veio a relatar as informações orais que chegaram até a ele, traduzindo o que Jesus transmitiu. Porém, com grande expansão e avanço de imaginação interpretativa, possivelmente também por adulterações inseridas *a posteriori* por copistas, é que foram construídos os alicerces da ilusória concretização do Jesus-Deus.

Como é notório, esse Evangelho de João apresenta uma total sofisticação teológica e construção teórica muito mais ampla que os outros três. Porém, não há nem no Antigo Testamento, nem nos outros três Evangelhos e sequer nas primeiras tradições católicas, nada a indicar que Jesus teria sido, ou mesmo teria dito sobre si mesmo, tratar-se do próprio Deus. Por óbvio, se Cristo em sua época e vida na Galiléia e, posteriormente na Judéia, tivesse denominado a si mesmo como "Deus", evidentemente, todas as fontes históricas teriam contado e traduzido suas palavras nesta importantíssima afirmativa que mudaria totalmente as bases de sua pregação.

Neste sentido, se essa divindade tivesse sido auto assumida em qualquer das passagens da vida de Jesus, seria muito estranho que Mateus, Marcos e Lucas e até mesmo Paulo nada tivessem relatado sobre esse importantíssimo fato. Mais uma vez, servimo nos da profundidade e brilhantismo de Ehrman,

espinha dorsal desse trabalho, “Quem Jesus foi Quem Jesus não foi”, que assim se refere sobre este tema:

> (...) o Evangelho de João foi o único no qual Jesus é explicitamente identificado como divino. Na verdade, Ele é chamado de “Filho de Deus” em todos os Evangelhos. Mas, para os antigos judeus, ser “Filho de Deus” não fazia de alguém Deus; fazia da pessoa um ser humano com uma relação íntima com Deus, alguém, por intermédio de quem Deus faz
> a sua vontade na Terra. O Evangelho segundo João vai além disso. Em João, Jesus é o Verbo de Deus preexistente, por intermédio de quem o Universo foi criado, que se tornou humano (1:1-14); Ele é igual a Deus (10:30); Ele pode tomar a si o nome de Deus (8:58). Ele mesmo é Deus (1:1,20:28). O Evangelho de João é o único com essa visão exaltada de Cristo.

O fato inquestionável é que este último Evangelho efetivamente tratou-se do menos confiável historicamente quando comparado aos outros. Ele simplesmente apresenta visões de Jesus que representam desdobramentos posteriores da tradição. Esta tradição que, por sua vez, foi criada e posta em prática por várias gerações de cristãos, muitos e muitos anos após a morte de Cristo, na distante Roma, Constantinopla, Síria, enfim, no universo posterior e longínquo de sua vida e com visões doutrinárias muito distantes do Jesus histórico e real.

Como já dito, mesmo em Paulo nos seus “Atos”, Jesus não é classificado e apresentado como Divino. E até quando Paulo trata da ressurreição de Jesus Cristo, quando Deus dá a ele um status especial, Jesus foi encarado como um ser humano de carne e osso que foi elevado a uma posição diferenciada quando Deus o ressuscitou dos mortos. Isto também ocorre com seus prodígios, milagres e sinais com a afirmação (Atos 2) de que

Deus operou por meio de Cristo e jamais como se Cristo fosse o próprio Deus operador.

Por isso, Jesus foi um milagreiro humano, com poderes a Ele conferidos por Deus, mas jamais o próprio Deus. Para todos os ensinamentos evangélicos anteriores a João, ou seja, para Marcos, Lucas e Mateus, Jesus sempre foi tratado como "filho de Deus".

O fato é que "João", cumprindo os parâmetros teológicos que inspirariam a doutrina cristã atual, recua simplesmente a paternidade divina de Jesus até o passado eterno, elevando Cristo não à condição de "filho de Deus", porque ele ressuscitou dos mortos, ou porque adotou Deus através do batismo ou até mesmo porque o Espírito Santo fecundou sua mãe. Para João, ele é Deus porque ele existiu com Deus desde o momento da criação ou até antes da criação do mundo, como o Verbo de Deus, muito antes de vir ao mundo como um ser humano e tornar-se encarnado.

Tal mecanismo para a construção dessa palatável doutrina que iria dominar todo o mundo ocidental e parte do oriental concretizou-se, como já dito, no Concílio (conciliação, acerto) de Nicéia, que foi muito bem construído nas palavras de Reza Aslan em seu "Zelota":

> Os Anciãos de Barba Grisalha e quase calvos que fixaram em pedra a fé e as práticas do cristianismo se reuniram pela primeira vez na cidade bizantina de Nicéia, na margem oriental do lago de Izmit, na atual Turquia.
>
> Era o verão de 325 d.C. Os homens tinham sido reunidos pelo imperador Constantino e ordenados a chegar a um consenso sobre a doutrina da religião que ele tinha recentemente adotado como sua própria. Enfeitado com vestes

de púrpura e ouro, um áureo louro descansando em sua cabeça, o primeiro imperador cristão de Roma chamou o conselho à ordem como se ele fosse o Senado romano, o que é compreensível, considerando-se que era romano cada um dos cerca de 2 mil bispos que se reuniram ali para definir permanentemente o cristianismo.

Os bispos não deveriam se dispersar até que tivessem resolvidos as diferenças teológicas entre si, especialmente quando se tratava da natureza de Jesus e sua relação com Deus. Ao longo dos séculos, desde a crucificação de Jesus, houve muita discórdia e debate entre os líderes da Igreja sobre a humanidade ou divindade de Jesus. Ele era, como afirmavam aqueles como Atanásio de Alexandria, o Deus encarnado, ou era, como os seguidores de Ário pareciam sugerir, apenas um homem, um homem perfeito, talvez, mas ainda assim um homem?

Depois de meses de negociações acaloradas, o conselho entregou a Constantino o que ficou conhecido como o Credo de Nicéia, descrevendo pela primeira vez as crenças ortodoxas, oficialmente sancionadas pela Igreja cristã. Jesus é o filho de Deus, o Credo declarou. Ele é Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado, da mesma substância do pai. Quanto àqueles que não concordavam com o Credo, que, como os seguidores de Ário, acreditavam que "houve um tempo quando [Jesus] não existia", eles foram imediatamente expulsos do Império e seus ensinamentos violentamente reprimidos.

Esta é a visão que passou a estruturar a doutrina padrão cristã que, em resumo, começa a afirmar que Jesus estava com Deus no princípio e era o próprio Deus. Foi por intermédio do próprio Jesus (na condição de filho, diante do entendimento da Santíssima Trindade) que o Universo foi criado. O fato é que essa não era a mensagem de Jesus original, e muito menos de seus seguidores primitivos. Como já dito, foi uma invenção cristã posterior.

Para finalizar este importante tópico, é de se salientar, aliás, como ocorreu em todo este trabalho, que buscamos trazer não concepções próprias advindas de opiniões baseadas em pontos de vista pessoais ou segmentados através de doutrinas interpretativas e filosofias já existentes. Pelo contrário, buscamos fatos, a historicidade e as fontes de tradição existentes e aqui, inclusive, os Evangelhos que devem ser interpretados e traduzidos na busca de sua real essência e verdade histórica.

Portanto, segue abaixo profunda pesquisa de várias passagens trazidas nos quatro Evangelhos canônicos e nos apócrifos que comprovam, de maneira indubitável, que Jesus além de nunca ter afirmado tratar-se de Deus, efetivamente fez questão de dissipar essa dúvida (ao contrário do que afirma a doutrina cristã) ao se declarar homem, filho de Deus, na especial condição a Ele conferida para ajudar a humanidade a evoluir em busca da felicidade, da paz, do amor e da libertação.

Assim vejamos: até mesmo o mencionado evangelho de João (e como já dito, o único que eleva Jesus a condição de Deus) carrega em si grandes contradições, pois não se firma no mesmo enfoque o tempo todo e, vez por outra, contraria suas próprias afirmações, além de abraçar, como os demais evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, também a tese de que Jesus era o filho de Deus e não o próprio Deus. Assim, transcrevemos a letra desses Evangelhos:

“Meu Pai é maior que eu.” (João 14:28) — Deus não precisa ensinar o próprio Deus, assim João se contradiz;

“...que nada faço por mim mesmo, mas falo como o Pai me ensinou.” (João 8:28) — Deus não precisa ensinar o próprio Deus, assim João se contradiz;

“Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma...” (João 5:19) — Se o filho nada pode fazer sem o pai ele não é Deus assim se contradiz;

“Mas Eu o conheço, porque venho dele e por Ele fui enviado.” (João 7:29) — Deus não precisa enviar o próprio Deus, assim João se contradiz;

“Agora que vou para aquele que me enviou...” (João 16:5) — Deus não precisa enviar o próprio Deus, assim João se contradiz;

“Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.” (João 7:16) — Deus não precisa enviar o próprio Deus, assim João se contradiz;

“Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar.” (João 12:49) — Enviado de Deus, não o próprio Deus;

“O primeiro de todos os mandamentos é: Ouça, Ó Israel; o Senhor nosso Deus é o único Senhor.” (Marcos 12:29);

“Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.” (Marcos 13: 32);

“A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou...” (João 5:34);

“Eu não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.” (João 5:30).

Já quanto a sua humanidade, Jesus é chamado na Bíblia muitas vezes de "homem" e há inúmeros exemplos para ilustrar essa afirmação: "...um homem que vos falou a verdade..." (João 8:40), "Jesus, o Nazareno, um homem aprovado por Deus para vós com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou através dele no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis." (Atos 2:22), "Ele julgará o mundo através do homem que escolheu" (Atos 17:31), "...o homem Cristo Jesus." (Timóteo 2:5).

A diferenciação é cristalina, a Bíblia diz que Deus é um filho de homem e frequentemente chama Jesus de "um filho de homem" ou "o filho de homem."

"Deus não é homem, nem um filho de homem..." (Números 23:19), "...assim ficará o filho do homem..." (Mateus 12:40), "Porque o filho do homem há de vir..." (Mateus 16:27), "...antes de terem visto chegar o filho do homem com o seu reino." (Mateus 28), "Mas para que saibais que o filho do homem tem autoridade..." (Marcos 2:10), "...porque é o filho do homem." (João 5:27).

Nas escrituras hebraicas, o "filho do homem" também é usado muitas vezes falando de pessoas (Jó 25:6; Salmos 80:17; 144:3; Ezequiel 2:1; 2:3; 2:6; 2:8; 3:1- 3).

Vou mais longe: a Bíblia diz simplesmente de forma clara que Jesus negou ser Deus: "Jesus falou a um homem que o chamou de 'bom', perguntando-lhe: 'Por que me chamas de bom? Ninguém é bom, exceto Deus'" (Lucas 18:19) – Jesus claramente faz questão de se auto distinguir de Deus. "E ele lhe disse: 'Por que me perguntas sobre o que é bom? Existe apenas Um que é bom; mas se queres entrar na vida, guarda os mandamentos'"

(Mateus 19:17) – Jesus claramente faz questão de se auto distinguir de Deus.

Ademais, em vários enfoques a Bíblia diz que Deus é maior que Jesus. Assim, Cristo não pode ser Deus se Deus é maior que ele. A crença cristã de que o Pai e o filho são iguais está em contraste direto com as palavras claras repetidas e indubitáveis de Jesus: “Meu Pai é maior que eu” (João 14:28), “Meu Pai é maior que todos” (João 10:29).

Na intenção de distinguir-se de Deus, Jesus nunca instruiu seus discípulos a adorá-lo, insistindo para que adorassem o Pai: “Quando orardes, dizei Nosso Pai que está no céu.” (Lucas 11:2). “Naquele dia, nada me perguntareis. Se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome” (João 16:23). “Mas a hora vem e agora é, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura aqueles que assim o adorem” (João 4:23).

O mais certeiro esclarecimento sobre este tema é que a Bíblia diz que os discípulos não acreditavam que Jesus fosse Deus. Os Atos dos Apóstolos na Bíblia detalham a atividade dos discípulos em um período de trinta anos após Jesus ter sido crucificado. Ao longo desse período, eles nunca se referiram a Jesus como Deus. Por exemplo, Pedro se levantou com os onze discípulos e se dirigiu à multidão dizendo: “Homens de Israel, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré era um homem aprovado por Deus entre vós por milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis.” (Atos 2:22); “O Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus de nossos antepassados, glorificou seu servo Jesus.” (Atos 3:26); “Deus

suscitou seu servo...” (Atos 3:13); “Importa antes obedecer a Deus que aos homens.
O Deus de nossos pais que ressuscitou Jesus...” (Atos 5:29-30); “...teu santo servo Jesus, ao qual ungiste.” (Atos 4:27); “...de Teu santo servo Jesus” (Atos 4:30).

Esta separação é sacramentada quando a Bíblia confirma que Jesus reconheceu, orou e adorou a Deus: “...que eles conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e Jesus Cristo que enviastes.” (João 17:3); “ele continuou durante toda a noite em oração a Deus.” (Lucas 6:12); “O filho do homem não vem para ser servido, mas para servir” (Mateus 20:28); “...ele prostrou-se com o rosto em terra e orou, dizendo, ‘Meu Pai...” (Mateus 26:39).

O mais incrível e que vem a jogar uma pá de cal na tese do Jesus Deus é que a Bíblia diz duas vezes de forma insofismável que Jesus foi acusado de ser Deus, mas que ele negou. De acordo com a Bíblia, em apenas estas duas situações os judeus se opuseram a Jesus com base nele pretender ser Deus ou igual a Deus. Se Jesus tivesse clamado ser Deus, ele provavelmente teria enfrentado oposição com muito mais frequência e muito antes. Porque nessas duas situações, quando acusado diretamente (em um caso, de se fazer de Deus, e em outro, de se fazer igual a Deus) ele negou taxativamente as acusações. Em resposta à incriminação de ser um igual a Deus, ele disse imediatamente: “o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai” (João 5: 19,30); e imediatamente depois: “Eu nada posso fazer de mim mesmo”; “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.” (João 6:38).

Ademais, a Bíblia é clara ao dizer que os poderes de Jesus foram dados a ele por Deus: “Toda a autoridade me foi dada...” (Mateus 28:18); “E as multidões, vendo isso, temeram, e glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.” (Mateus 9:8); “...ele andou por toda a parte fazendo o bem e curando a todos os oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com ele.” (Atos 10:38).

Mais acachapantes distinções quando a Bíblia diz que Jesus foi ensinado e ordenado por Deus: “...mas falo como o Pai me ensinou.” (João 8:28); “...o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar.” (João 12:49); “...eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai...” (João 15:10); “O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.” (João 7:16).

E finalmente, nada mais claro: a Bíblia diz que Jesus chamou o Pai de “meu Deus”: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46); “Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (João 20:17).

Separação total das entidades Jesus e Deus é repassada quando a Bíblia diz que Jesus considerava o testemunho de Deus como separado do seu, e considerava a si próprio e a Deus como dois, não “um”: “Eu dou testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou também dá testemunho de mim”. (João 8:17 e 18) (g.n); “Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim”. (João 14:1) (g.n).

Jesus Cristo: um homem? Uma boa parte do mundo religiosamente introspectivo se pergunta: Por que não?

Atos 2:22 registra Jesus como “Varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez

no meio de vós...” é o que confirma o próprio Jesus: “Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido” (João 8:40).

Fraude? Essa é uma palavra forte. Mas, se olharmos para tantas provas inquestionáveis, veremos que muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas para enfatizar mais precisamente que Jesus era divino, mas nunca que Jesus tratava-se do próprio Deus.

A Bíblia foi modificada? Por razões doutrinárias? Difícil encontrar uma palavra mais apropriada que “fraude”, dadas as circunstâncias.

Novamente, o grande pesquisador Ehrman enfatiza de forma indubitável que essa corrupção é evidente nos cinco primeiros manuscritos gregos. Foram os manuscritos bíblicos corrompidos e estes não se tratavam dos “mais antigos e melhores” que vieram a dominar e ser a base dos manuscritos medievais. As primeiras traduções para o inglês, consequentemente, dos tempos do início da Era Medieval em diante e os dogmas da fé cristã sofreram a influência corrompida de uma Igreja devotada mais à teologia do que à realidade histórica.

Ehrman acrescenta:

> À medida que Wettstein continuava suas investigações, encontrava outras passagens usadas tipicamente para afirmar a doutrina da divindade de Cristo que, de fato, representavam problemas textuais; quando esses problemas são resolvidos com base em críticas ao texto, na maioria dos casos as referências à divindade de Jesus são retiradas.

Assim, para nós, a síntese desta fundamental questão não poderia deixar de ser retratada através da repetição do que já mencionamos, sem dúvida, foi Jesus a maior concentração do divino em um ser que já tenha passado por este mundo entre o céu e a terra sem nunca ter-se arvorado a condição de ser o próprio Deus.

Capítulo III

O Jesus quântico

Inicia-se essa abordagem com uma indagação: o que teria sido a consciência quântica de Jesus Cristo? O que ele descobriu há 2.000 anos de maneira muito mais ampla, complexa e eficaz quando comparado aos cientistas e estudiosos da física de partículas e da cosmologia que atualmente são servidos de incalculáveis investimentos (tecnologia, equipamentos, experimentos) e esforços milionários. Constatamos que Jesus foi muito mais longe, pois integrou em suas ações uma consciência hoje denominada de "quântica", constatando que a matéria não existe como a vemos e que, portanto, pode ser mudada e transformada. Esse fato impõe seríssimas consequências quanto à veracidade de tudo o que esse ser fez e em toda sua relação sobrenatural com a humanidade e com o universo.

Essa percepção de que tudo é composto por energia, que aliás, hoje é pacífica e resultado de comprovação dentro dos laboratórios e aceleradores de partículas, foi percebida por Cristo nos campos da Galiléia ou na beira do lago de Genesaré, ao afirmar este que tudo era espiritual, que a matéria e nossa relação com ela era pura ilusão e que o espírito, o imaterial, o pensamento intencionalmente direcionado através da crença,

da intenção e da fé criam a substancial influência sobre a matéria.

Dessa forma, Jesus há 2.000 anos foi quem primeiro reconheceu e atuou sobre a "partícula de Deus", ou o hoje chamado *Bóson de Higgs*, a matéria prima instável e sem massa que compõe toda a matéria existente no universo. Esta descoberta, comprovada recentemente através de uma longa pesquisa no maior acendedor de partículas já criado pela ciência (Cers) localizado na fronteira entre França e Suíça, hoje é uma realidade.

Jesus Cristo teve pleno acesso a esse incomparável conhecimento. Porém, não foi só acesso: ele integrou essa dinâmica em si mesmo, transformando-se efetivamente numa consciência quântica ativa e operacionalizando essa força, esse conhecimento, essa usina infinita de energia ao direcioná-la na prática, domesticando-a em prol de suas ações em forma de prodígios.

Jesus efetivamente foi o primeiro iluminado a descobrir o chamado "campo unificado", em que tudo é energia e está unido e interligado nesta gigantesca interação na qual a matéria é puro reflexo da consciência de quem a observa, tratando-se assim de mera materialização do pensamento direcionado, do pensamento criador e quântico.

O Jesus quântico põe em ação e passa a operacionalizar (há 2.000 anos atrás), as concepções atuais da teoria das partículas, da relatividade e da física quântica como veremos mais adiante.

Destarte, o descobridor empírico do salto quântico, do campo unificado e basicamente da física quântica foi Jesus Cristo. Max

Planck e Heisenberg genialmente formataram suas teorias no século XX sobre esses fenômenos, mas na verdade foi Jesus Cristo quem simplesmente colocou em prática e a seu serviço, bem como a serviço da humanidade, a força do criar consignada na integração e no exercício da intenção, ou seja, sem ser Deus, ele vislumbrou o grande segredo de Deus.

Barbara Anun Breman, curadora, psicoterapeuta, física e profissional do departamento de pesquisa científica da NASA, depois de completar seu mestrado de Física Atmosférica na Universidade de Wisconsin chegou ao seguinte resultado e conclusão em suas pesquisas, emocionando-nos em sua obra "Mãos de Luz" por sua abordagem dos fenômenos da vida nos níveis físicos e metafísicos:

> a maneira de penetrarmos mais profundamente na matéria, a natureza não nos mostra "blocos básicos de construção" isolados, como dava a entender a física de Newton. A busca de blocos básicos de construção teve de ser abandonada quando os físicos encontraram tantas partículas elementares que dificilmente poderiam chamar-se elementares. Por meio de experiências realizadas nos últimos decênios, verificaram os físicos que a matéria é completamente mutável e que, no nível subatômico, ela não existe em lugares definidos, mas mostra "tendências" para existir. Todas as partículas podem ser transmutadas em outras partículas. Podem ser criadas a partir da energia e transmutadas em outras partículas. Elas podem ser criadas a partir da energia e dissipar-se em energia. Não podemos determinar com exatidão onde e quando isso acontece, mas sabemos que acontece continuamente.
>
> [...]
>
> Eis aí um conceito difícil de compreender mas, essencialmente, os físicos estão dizendo que não existe nada parecido com uma "coisa". O que costumávamos chamar de "coisas" são, na realidade, "eventos" ou caminhos, que podem tornar-se eventos.

> Nosso velho mundo de objetos sólidos e leis deterministas da natureza está dissolvido agora num mundo de modelos e interconexões em forma de ondas. Conceitos como o de "partícula elementar", "substância material" ou "objeto isolado" perderam o significado. O universo inteiro parece uma teia dinâmica de modelos inseparáveis de energia. Nessas condições, define-se como um todo dinâmico inseparável, que sempre inclui o observador de modo essencial.
>
> A ser o universo composto, de fato, de uma teia dessa natureza, nada existe (logicamente) parecido com uma parte. Assim sendo, não somos partes separadas de um todo. Somos um todo.
>
> Recentemente, o físico Dr. David Bohm, em seu livro "The Implicate Order", disse que as leis físicas principais não podem ser descobertas por uma ciência que tenta dividir o mundo em partes. Ela fala numa "ordem envolvida implícita" que existe num estado não manifesto e é o fundamento pelo qual repousa toda a realidade manifesta. A realidade manifesta ele chama a ordem desenvolvida explicita". "Vê-se que as partes estão em conexão imediata, na qual suas relações dinâmicas dependem, de maneira irredutível, do estado de todo o sistema... Desse modo, somos levados a uma nova noção de completude indivisa, que nega a ideia clássica de que o mundo é analisável em partes que existem separadas e independentemente.

Assim, hoje embasado na ciência e na física, somos compelidos a concluir que o mundo da matéria é e deve ser considerado uma grande e total ilusão.

Reflitamos: como o pensamento é a natureza da mente, sem a participação da mente e dos pensamentos gerados por ela, deixa de existir a entidade independente denominada Mundo.

Com efeito, o mundo material não existe por si só e sem alguém dizer que ele está ali. Só a mente que cria o pensamento é quem dá e reconhece a existência do universo das coisas. Cada ser humano, com seu conjunto de crenças e valores, reconhece o mundo de uma forma toda sua e seguramente diferente de seu

semelhante. O universo para cada um de nós possui características diferentes, se comparado com o do nosso vizinho. Se nós modificarmos as nossas bases de reconhecimento – nossas crenças – o mundo em que vivemos se transformará também.

Em síntese, o que essa física quântica de Planck e Heisenberg previu na teoria no século XX e os grandes experimentos científicos do século XXI vieram a comprovar de forma acachapante, e, que os fótons e outras partículas elementares como os elétrons, e mais atualmente também os bósons, se comportam tal qual energia, onda, tanto como matéria, como partícula, só que nunca podem ser ao mesmo tempo as duas coisas. Não existe uma onda e uma massa ao mesmo tempo, essa partícula fundamental é ora onda (energia), ora partícula.

Porém, o que a física quântica comprovou, e que é realmente um fato incrível que, aliás, muda tudo, é que somente a consciência de um observador faz com que essa partícula fundamental passe do estado de energia, de pura onda e se transforme numa partícula material, com uma mínima massa. Isto somente ocorre com a existência de um observador a observá-la, ou seja, uma consciência que a veja, que a reconheça, que a pense, que, enfim, a transforme em matéria. É somente nessas condições e exatamente nesse instante que essa partícula muda, para de oscilar e de se propagar como onda (para todas as direções) e se transforma numa partícula física com massa, apresentando uma localização específica.

Isto simplesmente faz com que o observador, ou melhor, o ato mental de observar e pensar torne-se o elemento fundamental

criador e transformador da energia, e (pura onda sem massa) em matéria.

Destarte, isso quer dizer simplesmente que a ciência hoje provou de forma inarredável e completa o que Cristo praticou, entendeu e pôs a seu comando em seu dia a dia desfraldando o véu que encobria o maior de todos os segredos, qual seja, que o pensamento é o criador da matéria.

Mais longe que Planck e Heisenberg (mas não tão longe quanto Cristo), Von Neumann descreveu essa realidade, na qual essas partículas quânticas (elétrons, fótons e bósons) fazem escolhas, sendo que o observador altera a realidade que observa, comprovando-se, em síntese, que a realidade possui um elemento psicológico que lhe é inerente e fundamental.

Nessa disputa de talentos científicos e brilhantes, Heisenberg não ficou distante ao afirmar que "átomos ou partículas elementares não são reais em si".

Nesta mesma linha de esclarecimento, o consagrado autor Deepak Chopra, em sua obra, "a consciência que cria o Universo" assim trata desse assunto:

> Um quantum (como um fóton ou elétron) consegue se comportar como onda ou como partícula, isso ninguém discute e é básico na mecânica quântica. O que se discute é se o simples ato da observação leva ao colapso da função de onda. Do ponto de vista fisicalista, as coisas são coisas, ponto final. E dizer que um observador leva ao surgimento de partículas no campo quântico é misticismo, não física. Porém, a versão mais aceita de mecânica quântica, a interpretação de Copenhague (assim chamada por conta do trabalho desenvolvido no Instituto de Copenhague pelo físico dinamarquês Niels Bohr) coloca o observador na encruzilhada entre onda e partícula.

> Ao juntar esses fatos, a imagem resultante não é a de um cosmos cheio de "coisas", mas a de um cosmos cheio de possibilidades que, misteriosamente, viram "coisas", sendo a transformação mais real do que a aparência física que damos por certa.
>
> [...]
>
> A combinação perfeita entre seres humanos e o universo diz respeito a um encontro de mentes. A mente humana encontra a mente cósmica. De alguma maneira misteriosa que a ciência não explica, nós nos encontramos em um universo cósmico. Para complicar ainda mais, vivemos em um estado ilimitado de consciência, ao qual chamamos de universo.
>
> Existir é estar consciente. Essa é a versão longa e curta da questão. Surpreendentemente, o mesmo se dá com o universo. Sem consciência, ele desaparecia num sopro, como num sonho, sem deixar nada para trás, e ninguém saberia que ele um dia existiu. Dizer que o universo é consciente não basta. Defendemos de maneira convincente que o universo é a própria consciência. Até que essa conclusão seja aceita,
> a mensagem da realidade não terá sido ouvida.
>
> [...]
>
> O vasto mecanismo físico a que chamamos universo tem duplo controle: obedecer às leis naturais e, ao mesmo tempo obedecer aos pensamentos.
>
> O exemplo mais óbvio são os milagres. Quem não gosta de acreditar que um ser humano um dia caminhou sobre as águas, que a fé pode curar um câncer da noite para o dia, que os mortos se comunicam com os vivos? A controvérsia sobre milagres não é acerca da possibilidade de eles acontecerem ou não, mas a respeito de a que categoria pertencem. (grifos nossos)

Foi exatamente esse conhecimento e essa força inimaginável (a qual hoje é uma realidade comprovada) que Jesus Cristo tomou posse em sua consciência, reconhecendo-a e interagindo com ela como ninguém ao longo da história da humanidade o fez, a ponto de pô-la a seu serviço, passando, assim, a praticar

prodígios de forma natural e sem o mínimo esforço. É exatamente o apoderamento desses recursos em níveis empíricos e práticos que fez com que Jesus, por seus milagres, nos mantenha estarrecidos e atônitos até os dias de hoje.

Temos observado centenas, ou melhor, milhares de homens místicos, magos ou curandeiros influentes por terem dons que os possibilitaram à prática de fenômenos inexplicáveis ao longo do tempo. Porém, nenhum deles, em todos os anais da história, chegou sequer aos pés da dimensão dos prodígios que couberam a Jesus Cristo, uma vez que Cristo, por conta de sua dimensão quântica de consciência, os produziu de forma repetida, instantânea e natural e com objetivos espirituais na busca exclusiva de amenizar os sofrimentos do próximo.

É isto que o destaca e o faz ser diferente de tantos magos e curandeiros que, desde aquela época, já praticavam eventos anormais e são seres que até hoje surgem às centenas. Porém, nenhum deles possuiu a consciência plena do Eu Divino em si como Jesus Cristo, estruturando a manipulação quântica através do crer e da fé.

Jesus Cristo não foi o primeiro curandeiro ou exorcista que caminhou pela região da Galiléia. É muito interessante notar que neste período do nascimento de Cristo havia uma verdadeira profissão exercida por homens diferenciados para mitigar doenças, fazer cerimônias, sempre com cunho místico.

Esta profissão não era e nunca foi novidade uma vez que até nas tribos mais primitivas do período Neolítico sempre houve um pajé, um sacerdote, um ser que não se tratava do líder

material que se ocupava do dia a dia, mas aquele que exercia funções místicas e espirituais.

Na Galiléia, como já dito, na época de Cristo havia uma profusão desses visionários que afirmavam ser portadores de forças divinas e de místicos poderes. Como nos filmes que retratam períodos do passado mitológico, aquele universo era povoado por demônios, superstições, medos, monstros e todo tipo de fantasia.

Houve o desenhador de círculos chamado de Honi. Tratava-se de adivinho e intérprete de sonhos e desenhava círculos no chão nos períodos de seca, ficando dentro deste perímetro e negociando com Deus, no sentido de que só sairia daquele espaço quando a chuva caísse. Por incrível que pareça, ao que se tem notícia, por coincidência ou não, as chuvas vinham. Seus descendentes Abba e Hanan (que era conhecido também como "O Escondido") viveram exatamente na época de Jesus, justamente na Galiléia e também praticaram várias ações paranormais e tinham prestígio por isso.

Existiram muitos exemplos interessantes. Estes que citamos viveram muito próximos de Cristo, como Ben Dosa, que há poucos quilômetros de Nazaré curava doentes e antevia a morte daqueles que não poderia curar. Porém, o maior homem santo deste período, que inclusive pregou o conceito de um "Deus Supremo" foi Apolônio de Tiana. Este também, ao que se sabe, curou muitos cegos, paralíticos, tendo-se notícia, inclusive, de que teria ressuscitado uma menina.

A comprovação da existência destas figuras místicas é até mesmo mencionada nos Evangelhos de Mateus 12:27, Lucas

11:19, Marcos 9:38-40 e Atos 19:11-17 que citam exorcistas como Eleazar, que usava amuletos tirando demônios através do nariz das pessoas, bem como o rabino Shimon bar Yochai sendo que Paulo, o Apóstolo, se referiu expressamente a esse mago. Inclusive, os próprios manuscritos do Mar Morto referiram-se às curas e exorcismos comuns naquela época e ministrados por outros que não Jesus Cristo.

Porém, uma das grandes diferenças entre estes e Cristo é que Jesus nunca usou suas ações milagrosas para ganhar seguidores ou fazer reivindicações messiânicas. Há uma diferença muito nítida entre magia e milagre que envolve métodos e resultados. O fato é que essa alteração da ordem normal e natural da matéria e do Universo era praticada por Jesus Cristo de maneira absolutamente despretensiosa, não se constatando em nenhum dos Evangelhos, quando retratam centenas de prodígios realizados por Jesus, que os tenha efetivado com o mínimo esforço ou como uma deliberada demonstração de força ou chamando para si qualquer tipo de atenção especial. Pelo contrário, era módico, modesto e nada sensacionalista em suas ações.

A grande maioria dos magos com reais poderes (havia também muito charlatanismo e enganação) que trilhavam por aquelas estradas da Palestina cobravam por seus feitos ou, de alguma maneira, se beneficiavam deles, mesmo que de forma indireta. Além disso, eram protegidos por poderosos e nobres com interesses de serem libertos de doenças, má sorte e fatalidades.

Como já mencionado em parágrafos anteriores, tudo leva a crer que as ações de Cristo justamente porque quânticas, propiciavam a materialização de eventos baseados na consciência da real transformação da matéria, o que, como já dito, é explicado atualmente pela ciência. Consistiam efetivamente em milagres, mas absolutamente distantes dos dispositivos de magia praticados por aqueles curandeiros comuns.

Realmente, Jesus praticava seus feitos sem qualquer ilusionismo, encantamentos, sem usar ervas e sem impor sacrifícios. Ele simplesmente os realizava de maneira silenciosa e real, como quem era senhor do maior dos segredos, qual seja, a imposição da intenção e da fé a serviço da materialização quântica com a real concretização da realidade que a consciência abraça.

Não há nos Evangelhos e também nos anais historiográficos que abarcam essa época nenhuma referência acusando Jesus de realizar magia, o que, aliás, seria realmente muito fácil para seus inimigos e detratores. Se fosse assim acusado, seria propiciada, inclusive, sua condenação à morte de forma muito mais rápida do que efetivamente a mesma se deu. A verdade é que de todos os diversos crimes dos quais Jesus foi acusado por seus detratores (sacerdotes, fariseus, romanos e nobreza) encontram-se a sedição, a blasfêmia, e a traição, mas jamais vislumbra-se qualquer acusação de magia, charlatanismo, ou curandeirismo. Afora o fato de, como já dito, nunca ter cobrado um centavo em troca de suas benesses.

Aliás, há interessante comprovação em referência expressa nos Evangelhos em Atos 8:9-24, no sentido de que os apóstolos Pedro e João foram procurados após a morte de Cristo por um mágico profissional denominado Simão, o Mago, que lhes ofereceu dinheiro para que fosse instruído e também conseguisse operar milagres e curar enfermos: “Dai-me este poder também, de modo que qualquer um em quem eu coloque minhas mãos possa receber o Espírito Santo”.

Pedro assim responde ao charlatão: “Que teu dinheiro pereça contigo, porque tu pensaste que poderias comprar com dinheiro o que Deus dá como um dom gratuito”.

Fato é que essa herança de cura quântica, ao que parece, propositalmente não se cinge apenas à força incalculável de Jesus Cristo. Foi, por ele, transmitida a seus apóstolos e discípulos como herança. É o que se vê estabelecido nos Evangelhos de Mateus 10:8 e Lucas 9:1-2: “Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos e expulsai os demônios. Vós recebestes estes presentes sem pagamento. Daí-los sem pagamento”.

Estes elementos até aqui trazidos nos lançam a uma certeza plena e inexorável que consiste na percepção dessa diferenciação no proceder de Jesus Cristo quando comparado a quaisquer outros autores de prodígios até hoje encontrados.

Ressalte-se mais uma vez que, o que Jesus descobriu e integrou em suas mensagens, em sua consciência e em seu agir: compreendeu-se na transmutação do esforço para a confiança total, ou seja, a fé pura e real, baseando-se na infinita força do

Deus interior que em todos habita e que, operacionalizada, tudo pode fazer.

É a descoberta de que o mundo interno (emoções, crenças, pensamentos e visualizações) representam os verdadeiros tijolos de nossas experiências externas. Ou seja, o mundo interno cria o mundo externo, como bem retrata o apóstolo Paulo: “a confiança, a fé é a própria substância das coisas que se esperam”.

O caminho foi sedimentado, no sentido de que a concretização do que se almeja não dependa da habilidade e nem do esforço, muito menos da sabedoria do seu agente, mas sim da fé, da confiança e da intenção que se deposita na habilidade do próprio Deus interior em conquistá-lo, sendo da natureza humana a materialização de suas intenções de maneira fácil e simples.

Na visão de Cristo, todos nós também somos nossos próprios milagres, pois, sem exceção, temos o mesmo poder quântico de transformar a realidade, através de nossa consciência do Eu Divino. Cristo nos impunha que fizéssemos nossa parte com firmeza, pois somos legítimos possuidores desse poder inato e temos todas as ferramentas de transmutação da realidade material, através da fé.

Esta foi a grande descoberta de Jesus Cristo. Descoberta essa que não foi teórica, pois ele passou toda a sua vida praticando-a e afirmando que é inerente à toda intenção e a todo desejo o mecanismo de sua realização, uma vez que ambos, no âmbito quântico da consciência, são potencialidades puras com o poder infinito de organização.

Os ensinamentos de contato direto com Deus, através da oração e da fé, para Jesus tratavam-se de um ato prático, concreto e científico para estimular seu próprio Eu Divino, bem como o de todos na capacidade criadora através do canal espiritual que liga o nosso espírito à potencialidade pura de Deus, fazendo com que a graça fluísse livremente.

Assim é que, para Cristo, o não manifesto passa a expressar-se no manifesto, uma vez que, como já explicitado, e descoberto por Jesus, a energia (a onda) através da vibração do "Quanta" se transforma em realidade material.

Destarte, Jesus deixou claro que devemos aprender a esperar e atuar, nunca a duvidar, sendo que a dúvida veda o caminho das possibilidades. Porém, assim devemos agir, mas sem esforço, uma vez que seu objetivo já existe e, por meio de seu tratamento e trabalho, você se apropria simplesmente dele, aceitando na consciência o estado desejado, andando como Pedro sobre as águas (sobre o medo, a dúvida e a insegurança) do mar da Galiléia.

Em síntese, a prática persistente do acreditar, pensar e imaginar o que se quer como se já estivesse lá é um passo fundamental para criar a ponte que unirá a sua presença atual ao que almeja projetado no seu pensamento, uma vez que nada no mundo acontece automaticamente.

Contudo, não se pode negar que estes conhecimentos contidos na consciência de Cristo também o foram compreendidos por alguns místicos e espiritualistas ao longo dos tempos, porém, sem jamais terem sido postos em prática na dimensão e intensidade dos prodígios praticados por Cristo.

O universo de atuação de Cristo era muito mais sensitivo do que material e descritivo, no sentido de que quando sentimos o surgimento do mundo (aparentemente real), o “eu superior” permanece oculto de nós pela intensidade dos impulsos externos e da imensidão de informações que devem ser decodificadas por nosso cérebro.

Por outro lado, quando aflorava o “eu superior” em sua consciência quântica, fato que Jesus fazia acontecer com facilidade e quando lhe aprouvesse pela força de suas possibilidades pessoais, espontaneamente ou não, o fato é que fazia com que o universo objetivo, externo, deixasse de ter importância passando a um plano secundário e subjacente de fácil manipulação por sua consciência quântica.

Neste mesmo caminho, é que os mestres do “TAO” afirmam: quando a mente deixa de pular e se aquieta, mergulhando no oceano sem ondas, o “eu material” que é a fonte de todos os pensamentos, desaparece o “eu divino” que está sempre presente, observando tudo silenciosamente por trás do cenário, se manifesta e mostra todo o seu brilho. Esse modo de encarar a vida é a base da força com que Jesus trabalhava e atuava no seu dia a dia.

É por tudo isso que Jesus Cristo expôs e sustentou que o mundo material (tridimensional) deve ser considerado uma ilusão, porém, só conseguimos perceber esse fato quando acalmamos nossa mente, aquietando-a e, assim, permitindo a manifestação clara da presença do “eu divino”, do ser que nos habita por ele denominado de “pai” trazendo a certeza da imaterialidade que nos cerca.

Quando conseguirmos perceber que essa mente superficial e inquieta, esse conjunto de pensamentos saltitantes e materiais não são nosso ser, mas apenas instrumentos dele para atuar no universo tridimensional (material), pouco ou quase nada faltará para aprendermos sobre nós mesmos e o ilusório, finito, e instável mundo da matéria que tanto Jesus desprezou e soube alterar. Novas vias de percepção tornar-se-ão disponíveis aos nossos sentidos internos e externos para serem exploradas e poderemos, em silêncio, alcançar a plenitude do saber de Cristo, que tentava nos mostrar outra dimensão dizendo "**meu reino não é deste mundo**".

Esclarecendo novamente: o que Cristo descobriu em sua consciência quântica e começou a operar como nenhum humano o fez até os dias de hoje é algo que se aproxima do que foi didaticamente explicado por *Deepak Chopra* em sua obra "Como Conhecer Deus", que passamos a transcrever:

> o mundo material há muito se dissolveu para os grandes pensadores da física quântica. Depois que Einstein fez do espaço e do tempo coisas fluidas que se mesclam, a ideia tradicional de universo já não pode ser mantida. No sanduíche da realidade da física também há três níveis:
>
> Realidade material, o mundo dos objetos e acontecimentos.
>
> Realidade quântica, a zona de transição onde a energia se transforma em matéria.
>
> Realidade virtual, o lugar além do tempo e do espaço, a origem do universo.
>
> Os átomos são compostos de pacotes de energia em vibração que não possuem absolutamente nenhuma solidez, nenhuma massa ou tamanho, nada para os sentidos verem ou tocarem.

No nível quântico, nada pertencente ao mundo material é deixado intacto. É suficientemente estranho erguer a mão e aceitar que na realidade, em um nível mais profundo, trata-se de vibrações invisíveis ocorrendo em um vácuo. Mesmo no nível atômico, todos os objetos são relevados como 99,9999% (por cento) espaço vazio. Em sua própria escala
a distância entre um elétron girando velozmente e o núcleo em torno do qual ele gira é maior do que a distância entre a Terra e o Sol. Mas, de qualquer forma, você jamais conseguiria capturar um elétron, uma vez que também ele se decompõe em vibrações de energia que piscam para dentro e para fora da existência milhões de vezes por segundos. Portanto, todo o universo é uma miragem quântica, entrando e saindo da existência milhões de vezes por segundos. No nível quântico, todo o cosmos é como um pisca-pisca. Não existem estrelas ou galáxias, apenas campos energéticos em vibração, os quais nossos sentidos são muito embotados e lentos para aprender, devido à incrível velocidade com que a luz e a eletricidade se movem.

No reino animal, alguns sistemas nervosos são muito mais rápidos do que o nosso e outros muito externo vagarosos. Os neurônios de uma lesma captam sinais do mundo externo tão lentamente, por exemplo, que qualquer evento mais rápido do que três segundos não é percebido. Em outras palavras, se uma lesma estivesse olhando para uma maçã e eu rapidamente agarrasse e retirasse a maçã, a lesma não seria capaz de detectar minha mão. Ela “veria” a maçã desaparecer diante de seus próprios olhos. Da mesma forma, os “flashes” quânticos são milhões de vezes rápidos demais para que possamos percebê-los e, no tempo e no espaço, da mesma forma que um filme parece ser contínuo. Um filme consiste em vinte e quatro fotos imóveis apresentadas por segundos, com vinte e quatro intervalos de escuridão à medida que cada imagem é substituída por outra. Entretanto, como nossos cérebros não podem perceber quarenta e oito pausas por segundo, a ilusão do cinema é criada.

Agora acelere esse fato por muitos múltiplos de dez e você percebe o truque do cinema que chamamos de vida real. Você e eu existimos como flashes de fóton com intervalos de escuridão – o espetáculo de luz quântica compreende nosso corpo inteiro, cada pensamento e desejo e cada evento em que tomamos parte. Em outras palavras, estamos sendo criados, repetidamente, o

tempo todo. A gênese é agora e sempre tem sido. Quem está por trás dessa criação infindável? Que visão ou poder mental é capaz de suprimir o universo e devolvê-lo em uma fração de segundos?

O poder da criação – o que quer que venha a ser – reside além mesmo da energia, uma força com a capacidade de transformar nuvens gasosas de poeira em estrelas e por fim em DNA. Na terminologia da física, referimo-nos a esse nível pré-quântico como virtual.

Quando se vai além de toda a energia, não existe nada, apenas um vácuo. A luz visível se torna luz virtual; o espaço real se torna espaço virtual; o tempo real se torna tempo virtual. No processo, todas as propriedades desaparecem. A luz já não brilha, o espaço não cobre nenhuma distância, o tempo é eterno. Esse é o útero da criação, infinitamente dinâmico e vivo. Palavras como vazio, escuro e frio não se aplicam mais. O domínio virtual é tão inconcebível que somente a língua religiosa parece atingi-lo.

Uma flor, uma árvore, uma folha, o corpo humano, o arco-íris, quando reduzidos a seus componentes essenciais, são energia e informação. Todo universo, em sua natureza essencial, é movido de energia e de informação.

Tanto você quanto a árvore, em nível físico, são postos dos mesmos elementos: em sua maior parte, carbono e também hidrogênio e outros elementos em quantidades menores. Esses elementos podem ser comprados numa loja por pequenas quantias de dinheiro. A diferença entre você e a árvore, portanto, não é o carbono, o hidrogênio, o oxigênio. Na verdade, você e a árvore estão constantemente trocando carbono e hidrogênio entre si. A diferença real entre ambos está na energia e na informação.

Seu corpo não está separado do corpo do universo porque, segundo a teoria quântica, não há limites bem definidos. O grande campo quântico – o universo – é o seu corpo estendido.

O sistema nervoso humano é capaz de perceber a energia e a informação contidas em seu próprio campo quântico.

A fonte de riqueza, de abundância e de qualquer coisa no mundo físico é o EU. É a consciência que sabe como satisfazer a todas as necessidades.

Estas longas transcrição são necessárias.

Estes autores foram trazidos a fim de comprovar e sedimentar a real dimensão de todo este universo quântico em que Jesus Cristo transitava através da real prática de prodígios e milagres infindáveis.

Neste contexto, é oportuno mencionarmos alguns destes acontecimentos e mensagens diretas e expressas por Cristo nos Evangelhos ou através de seus discípulos que também integraram esse conhecimento hoje comprovado pela ciência.

Voltemos assim, mais uma vez, à comprovação arqueológica, historiográfica e científica no âmbito da constatação desta enorme atuação e prática de milagres e prodígios realizados por Jesus. Tais milagres e prodígios foram retratados em diversos artefatos arqueológicos, como sarcófagos e afrescos da era primitiva cristã, imediatamente posterior à morte de Jesus e neles constataram-se infindáveis cenas as quais Jesus está praticando a cura.

Estas ações são inspiradas quase sempre como uma figura de um jovem, inclusive belo a curar, através da imposição das mãos, ou dirigindo-se com a imposição do olhar. Enfim, é algo recorrente e predominante nessas representações religiosas.

Dentre essas cenas de cura, duas em particular se destacam, sendo que foram encontrados nada menos do que dezenove placas comprobatórias, das quais sete envolvem a ressurreição de Lázaro e outras cinco retratam a cura de paralíticos favorecidos por razões iconográficas como, até mesmo, carregando sua própria cama, o que obviamente induz à

concretização de sua cura. Isso tudo trazido na obra “O Essencial de Jesus” de John Dominic Crossan.

Assim, é impossível, mesmo para os mais céticos observadores, bem como aos que não conhecem a historicidade de Cristo, a esquivarem-se da interpretação do que está sendo retratado arqueologicamente. Fica evidente que esta ênfase de Jesus pela prática da cura é histórica e real, como também é o Jesus Mestre pregando de forma popular e praticando curas, dividindo e distribuindo alimentos e etc. Enfim, este é o Jesus Real e Quântico que a arqueologia veio a ressuscitar.

Ademais, a identidade original do Jesus Histórico como um homem popular e acessível que realizava curas raramente predomina nos textos oficiais dos dois primeiros séculos, mas o fato é que está lá, como que surgida de uma fonte oculta, da prova arqueológica, permeando toda a arte cristã mais antiga até o terceiro século.

O fato concreto e que muito impressiona é que há mais material histórico acumulado confirmando essa verdadeira avalanche de milagres praticados por Jesus do que provas reais a respeito de seu nascimento em Nazaré, ou até mesmo sobre sua morte no Gólgota. Portanto, é muito mais intenso e característico esse atributo da atuação de cura na vida de Jesus Cristo do que qualquer outra coisa.

Como já dito, essa condição sobrenatural de transmutar a realidade física, este poder incomensurável do Cristo era algo pacífico, sequer questionado ou debatido dentro da Igreja Primitiva, quer entre seus seguidores, quer entre seus detratores, inimigos de sua fé e mesmo opositores de sua

pregação. O fato é que sua condição de exorcista e milagreiro jamais foi questionada por quem quer que fosse.

Mais uma vez, recorremos ao autor Aslan em seu imprescindível “Zelota”:

> todos os evangelhos, inclusive as escrituras não canônicas, confirmam os atos milagrosos de Jesus, assim como o faz também a Fonte Q, material de origem mais antiga. Quase um terço do evangelho de Marcos consiste das curas e exorcismos de Jesus. A igreja primitiva não só manteve uma memória viva desses milagres como também construiu sua fundação sobre eles. Os apóstolos de Jesus foram marcados por sua capacidade de imitar os poderes miraculosos do mestre, de curar e exorcizar pessoas em seu nome. Mesmo aqueles que não o aceitavam como Messias viam Jesus como “um fazedor de feitos surpreendentes”. Em nenhum momento nos evangelhos os inimigos de Jesus negam seus milagres, embora questionem sua motivação e fonte: já nos séculos II e III, os intelectuais judeus e filósofos pagãos que escreveram tratados contra o cristianismo aceitavam o status de Jesus como exorcista e milagreiro.

Interessante notar, mais uma vez, que Jesus não queria e nem possuía qualquer vaidade de ser o único a acessar esse enorme conhecimento. Pelo contrário, achava que todos poderiam exercê-lo e aprender manipulá-lo, provando que não se via como um todo poderoso e divino, inclusive instruindo seus discípulos a naturalmente praticarem os mesmos prodígios.

Outrossim, a ação milagrosa de Cristo foi demasiadamente intensa, constante e numerosa a ponto de contagiar toda uma grande população, tal qual uma febre.

Neste ponto do presente trabalho, faremos o relato de apenas algumas das centenas de ocasiões em que Jesus Cristo colocou a seu serviço de forma empírica seus conhecimentos e sua consciência quântica.

Os prodígios começaram propositalmente e, por incrível que possa parecer, dentro de uma sinagoga em Cafarnaum, portanto, justamente no interior de um templo judaico, talvez querendo passar a mensagem que seus ensinamentos eram outros, que vinham de outra fonte, e que seu Deus não necessitava de intermediários, sua energia era direta, seu conhecimento era quântico.

O fato é que Jesus, dentro da Sinagoga, acabava de transformar em saudável e normal um louco de nascença o qual toda a comunidade, notoriamente, o considerava possuído por demônios.

Assim, uma enorme quantidade de escribas e autoridades começaram a chegar a todo instante em Cafarnaum para constatarem os feitos daquele simples camponês. Os evangelhos descrevem que na noite daquele mesmo dia, Jesus ia pernoitar na casa dos irmãos Simão e André, local em que a sogra de Simão muito doente ardia em febre acamada. Jesus, sem o menor alarde ou palavra, simplesmente pega sua mão e ela se cura instantaneamente.

Como já dito, estas notícias se espalhavam como vírus, trazendo uma enorme multidão que, como formigas, envolviam a casa de Simão. Traziam coxos, aleijados, leprosos, loucos e endemoniados.

Com efeito, na manhã seguinte ninguém entrava ou saía daquela casa em razão da multidão que se acumulava ao seu redor.

Não havia mais volta: a notícia do milagreiro itinerante que curava sem falar e sem cobrar já havia chegado nas cidades

vizinhas e à toda região, e Jesus, às dezenas, curava cegos, surdos, mudos, paralíticos... Enfim, curava em quantidade todos que assim o desejassem.

Existe inclusive o relato, na sequência deste mesmo episódio, de que após a peregrinação nas cidades próximas a Cafarnaum, quando Jesus ali retornou depois de alguns dias, encontrou tamanha multidão amontoada em torno da casa de Simão que um grupo de homens teve que improvisar um buraco no teto da casa para fazer descer por ali um paralítico amigo de Simão para que Jesus o curasse.

Porém, o fato que diferenciava toda a postura de Jesus nesses infindáveis milagres e que ficava cada vez mais claro, é que Jesus não pretendia obter louros, recompensas ou elogios pelos prodígios que realizava. Os milagres não pareciam ter um fim em si mesmos. Pelo contrário, todas essas ações objetivavam um propósito muito maior. Uma mensagem cósmica até hoje não totalmente entendida e não codificada plenamente, mesmo com a evolução da humanidade após 2.000 anos.

Aslan, também sobre este tema, aponta na obra já citada esta interessante passagem:

> O evangelho de Marcos narra uma história ainda mais curiosa, de uma mulher que sofria de hemorragia havia doze anos. Tinha visto muitos médicos
> e gastara todo o dinheiro que possuía, mas não encontrava alívio para sua condição. Tendo ouvido falar de Jesus, veio por trás dele junto com a multidão, estendeu a mão e tocou-lhe o manto. No mesmo instante a hemorragia cessou e ela sentiu no próprio corpo que tinha sido curada.
>
> O que é notável sobre essa história é que, de acordo com Marcos, Jesus "sentiu o poder drenado dele". Ele parou em seu caminho e gritou: "Quem tocou em

> seu manto?" A mulher prostrou-se diante dele e confessou a verdade. "Filha", Jesus respondeu. "A tua fé te salvou." (Marcos 5:24-34)
>
> A narrativa de Marcos parece sugerir que Jesus era um condutor passivo através do qual o poder de cura corria como uma corrente elétrica. Isso está de acordo com a maneira como os processos mágicos são descritos nos textos da época. É certamente digno de nota que, ao recontar a história de Marcos sobre a mulher hemorrágica, vinte anos depois, Mateus omita a qualidade mágica da versão de Marcos. Em Mateus, Jesus se vira quando a mulher o toca, toma ciência e se dirige a ela, e só então é que ele ativamente cura sua doença (Mateus 9:20-22).

Contudo, não cabe aqui retratar as dezenas e dezenas de milagres descritos nos Evangelhos que relatam que Jesus ressuscitou pessoas mortas, entre elas Lázaro; que Jesus transformou a água em vinho a pedido de sua mãe para não deixar uma festa de casamento terminar em Canã; que Jesus multiplicou pães e peixes para multidões famintas; andou sobre as águas do mar da Galiléia levando Pedro a fazer o mesmo; curou centenas e centenas de pessoas com todos os tipos de males, inclusive com defeitos de má formação genética, reconstituindo ossos e membros onde sequer existiam.

Em síntese, e para encerrar o presente item, reafirme-se que Jesus tudo fazia e também ensinava generosamente a todos fazerem o mesmo, transmitindo sua fórmula quântica que se dava com a insistência de que tudo se realizaria com uma condição, qual seja: a fé. Repetia Jesus: "Faça-se-vos conforme vossa fé".

Esta fé descrita na Bíblia, como já longamente comprovamos, é simplesmente a maneira de pensar, a materialização da energia, das ondas, através da atitude mental, da certeza íntima,

da convicção de que a ideia que aceitamos sem reservas na mente consciente será assimilada pela força do subconsciente, do eu divino e se tornará manifesta. A fé é, em certo sentido, a aceitação como verdade daquilo que nossa razão e sentido negam, pois só vemos a ilusão tridimensional e Jesus sabia que somos indutores da energia quântica que a compõe.

Juan Arias não pode deixar de ser transcrito neste brilhante comentário sobre o tema:

> Na nova lógica de Jesus não há nada impossível para aquele cuja fé é maior que a força da natureza. Por isso, não lhe parece extraordinário que a figueira tenha figos fora da estação. Jesus vislumbrava uma humanidade em que os milagres estariam disponíveis para todos, na qual, como a Bíblia anunciava, fluiriam rios de leite e mel e tudo estaria à disposição de todos, porque ninguém precisaria usurpar, acumular nem especular à custa da fome alheia. A este respeito é muito ilustrativo o milagre das bodas de Canaã, em que o vinho acaba e Jesus transforma a água num líquido maravilhoso. Ele não queria que a festa acabasse, pois a sua lógica era a da abundância. Por isso, para ele os milagres eram algo natural, se tudo é possível para quem tem fé no impossível. Esse era o grande segredo que os discípulos, atônitos com as metáforas profundas, tinham dificuldade de entender. É como se ele temesse lhes revelar por completo a força do seu mistério. Como aqueles pescadores podiam compreender que os tempos futuros que ele anunciava eram tão revolucionários que ultrapassavam a própria espécie humana?

Jesus foi claro e expresso em dizer que chegará o tempo em que somente com a força da mente e da fé no milagre, direis a esta montanha que venha até vós e ela virá.

A fé é, como já dito, a aceitação como verdade daquilo que nossa razão e sentidos negam. É um fechamento, a recusa em escutar a pequena, racional e sintética mente consciente e

adotar uma atitude de confiança completa no poder interior da mente subconsciente.

Nada menos que o universo quântico é desfraldado por Cristo ao transmitir para nós, as mensagens que se seguem neste sentido:

"O corpo é o templo do Espírito" (I Coríntios 6:19);

"Eu vos darei o que os olhos jamais viram, o que os ouvidos jamais escutaram, o que a mão jamais tocou e o que nunca ocorreu à mente humana";

"Se Deus estiver convosco quem será contra vós" (Paulo);

"Disse Jesus: mostrai-me a pedra que os arquitetos rejeitaram. Ela é a pedra angular" (Tomé);

"Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua harmonia e todas as outras coisas vos serão dadas de acréscimo" (Jesus, o Cristo);

"Vai, tua fé te cura";

"Ser-lhe-á dado segundo a tua fé";

"Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta." (Mateus 7:7);

"Não te disse se creres, verás a glória de Deus?" (João 11:40);

"Para Deus todas as coisas são possíveis" (Mateus 19:26);

"Se pedires, Deus te dará. Se buscares, Deus te fará encontrar. Se bateres, Deus te abrirá a porta. Pois tudo o que pedes, receberás de Deus. O que buscas encontrarás em Deus. E a quem bate Deus abrirá todas as portas";

“Por isso, vos digo, que tudo quanto pedirdes em oração, credes que recebereis. E assim será para convosco”;

“Se tiverdes fé, cumpre saber que tudo é possível àquele que a têm”;

“Se vós estiverdes em mim e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será concedido”;

“Se algum dentre vós necessitar de alguma coisa, peça a Deus, que ser-lhes-á concedido, pois ele a todos atende e nada nega. Peça, porém, com fé, sem duvidar. Não duvide e conseguirá de Deus o que pede”;

“Porque tudo aquilo que é gerado por Deus, vence o mundo e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”;

“Eu vos digo: se a vossa fé não for maior do que uma semente de mostarda, direis a esta montanha: “Mova-se daqui para lá” e ela se moverá; nada vos será impossível”.

Após as afirmações e mensagens quânticas e enigmáticas acima transcritas do próprio Cristo, pouco há para se acrescentar. Assim, dando-se o feixe final a este enfoque sobre o Jesus Quântico, terminamos com a seguinte indagação e posterior conclusão: por que Jesus foi a maior concentração do divino em um ser que já passou pela humanidade entre o céu e a terra?

Dentre outras razões, porque ele descobriu e soube operacionalizar, colocando a seu serviço, nada menos que a “partícula de Deus”, a própria substância que compõe todo o universo, manipulou há 2.000 anos com facilidade um conhecimento incomparável que a física, a ciência com seus

maiores recursos aplicados afora os mais geniais pesquisadores só hoje começam a compreender, sendo que para pô-los em prática e aplicação ao nosso dispor, ainda se passarão provavelmente muitos séculos.

Capítulo IV

O Jesus cósmico e
seu roteiro impossível

Outro aspecto bastante evidente que também caracteriza esta condição cósmica de Cristo é a sua própria vida. Mesmo com as incongruências e diferenças latentes que encontramos nas narrativas dos Evangelhos quanto a muitos episódios da vida e da história de Jesus se concentrarmo-nos apenas na história e trajetória incontroversa, ou seja, na espinha dorsal do que não se questiona na vida de Cristo, chegaremos a conclusão de que Jesus viveu uma história impossível de ter sido inventada ou criada pela mente humana, em razão de suas próprias nuances e detalhes absolutamente improváveis e inimagináveis.

A história de Jesus, suas passagens, personagens, sua pregação, suas atitudes, sua perseguição e seu fim e a forma da cronologia como ocorreu, mesmo que deturpadas, e modificadas na busca de objetivos de fins doutrinários, mesmo assim, não são passíveis de terem sido inventadas, ou seja, deturpadas sem dúvida, inventadas jamais.

Mesmo que valorássemos que 50% dessa história trata de pura criação e manipulação sobre as bases do Jesus histórico – o que é uma percentagem enorme –, mesmo assim, sobram outros 50% de razoabilidade. É inegável, de fato, que mesmo sobrando só a genuína história de Jesus trata-se de uma narrativa quase impossível de ser criada pela mente humana.

Neste diapasão (50% de real), a história de Jesus abrangeu um desencadear de fatos e circunstâncias inusitadas e improváveis. Sua trajetória, história, vida, destino e morte estão inexoravelmente fora, ou melhor, além do imaginário humano. Tal detalhamento de fatos, que impõe a cronologia da existência

de Cristo ao longo de seus trinta e três anos de existência, é algo absolutamente improvável de ter sido criado como uma fábula, uma invencionice ou mesmo como uma narrativa com fins puramente teológicos.

Neste sentido, radicalizamos, e proponho, por absurdo, que desprezemos todo o aspecto sobrenatural, espiritual e cósmico da trajetória contada sobre a vida de Jesus. Isso, para muitos, ao retirar a nuance do sobrenatural da personalidade de Cristo, é quase impossível, pois o tornaria um homem comum. Porém, esta não é a verdade, porque Jesus, mesmo sem esses prodígios, continua sobrenatural apenas por suas mensagens, posturas e práticas "comuns".

Neste exercício intelectual, desconsideremos seu nascimento misterioso de uma "virgem", fato combatido e não aceito pela grande maioria dos críticos, como já explanado no presente trabalho. Suponhamos também que Cristo não tenha realizado um único milagre. Que não tenha ressuscitado Lázaro ou multiplicado o pão, outrossim, que não tenha curado cegos, aleijados e leprosos, que nunca tivesse caminhado sobre as águas do Mar da Galiléia, enfim, que nenhuma das suas dezenas de intervenções e prodígios sobrenaturais tenham ocorrido. Também, nesta linha, não nos apeguemos ao registro de sua ressurreição, também muito contestada, e fiquemos apenas com sua morte na cruz, fato incontroverso e aceito historicamente por se tratar de uma pena corriqueira imposta aos revoltosos e insurgentes daquela época no Império Romano.

Nesta toada, retirando todo o sobrenatural da vida de Jesus Cristo, dando-se pela inexistência de qualquer fato milagroso e

inexplicável ao longo de sua existência. Mesmo assim, sua vida, trajetória, destino e morte são absolutamente incabíveis dentro da criação e inventividade do imaginário humano.

Neste sentido, se misturássemos os maiores e mais brilhantes romancistas e ensaístas da história da humanidade, enfim, juntássemos, para exemplificar, Homero, Camões, Shakespeare, Victor Hugo, Tolstói, Machado de Assis, entre outros, e fizéssemos de conta que todos foram contemporâneos entre si e que se juntaram para escrever em um concurso literário cuja proposta seria uma dissertação sobre "um homem que se tornaria por sua vida e morte o indivíduo mais importante da humanidade", é de se afirmar e garantir, com toda a certeza, que nem de longe chegaria nenhuma destas brilhantes mentes criativas sequer próximo da grandeza, do mistério, enigmatismo e da riqueza de detalhes e situações que ocorreram na real trajetória de Cristo, mesmo que, como proposto, descartássemos todo o sobrenatural da personalidade em questão.

Com efeito, com a simples leitura de dezenas de passagens (não questionadas e sem a adição do sobrenatural) ao longo da existência de Jesus, é possível vislumbrar-se a total impossibilidade de se criar alguém com aquelas características únicas e atitudes inimagináveis.

Quem ousasse criar um personagem que se preocupasse com os humildes e doentes e quisesse livrar a humanidade dos sofrimentos ao indicar o caminho da libertação, criaria provavelmente um excelente personagem, quem sabe um grande, bondoso e corajoso herói, mas nunca Jesus Cristo.

Jesus foi homem quando todos o esperavam divino e foi divino quando todos aguardavam a reação de um simples homem.

Desviava o olhar quando todos esperavam que fitasse. Olhava firme nos olhos dos dominadores e inimigos quando todos tinham a certeza de que baixaria sua guarda.

Ficam transparentes nas escrituras detalhes impressionantes e inimitáveis, pois Cristo se calava quando todos esperavam que falasse. Parecia se acovardar, dando a outra face, quando todos supunham que reagiria virilmente, porém demonstrava uma coragem jamais vista em nenhum dos maiores heróis reais ou criados pelo imaginário humano quando todos o achavam derrotado. Cristo falava baixo e com suavidade quando esperavam que gritasse. Agiu com violência e destemor quando pensavam que se omitiria. Proclamou-se vitorioso, sintetizando: "Eu venci o mundo".

A verdade é que por meio de diálogos, parábolas, perguntas e respostas esse Cristo Cósmico expunha reações e inteligência absolutamente sobre-humanas e inalcançáveis pela rapidez e clareza de objetivos. Uma inteligência que só pode ter existido quando advinda e fundada em uma consciência de percepção cósmica.

Enfim, um ser ininventável. Uma história não passível de ser criada pela mente humana.

Capítulo V

O Jesus cósmico e o Natal

A semente que o Jesus Cósmico conseguiu plantar de maneira real tem como prova palpável e é nitidamente percebida na época do Natal, ocasião na qual um clima de compaixão e amor dá seu sinal e é difundido e exalado com as pessoas passando a praticar em suas vidas um pouco dos exemplos, diretrizes, enfim, de sua *práxis*.

Tal data, inclusive, não consiste em uma ocasião de comemorações significativas comuns na humanidade, como o dia de "Ação de Graças", ou dia do "Trabalho". Pelo contrário, trata-se de verdadeira apoteose e êxtase anual onde se invoca a compaixão e a caridade com o amor crístico sendo comemorado por grande parte da humanidade. Onde a quase totalidade dos homens se vestem de igualdade, meiguice e benemerência. Data na qual, misteriosamente, todos os espíritos tendem a ser mais compassivos e fraternos, sendo aflorada a caridade em todo mundo num uníssono gesto de amor em verdadeira epidemia. Onde o bem a granel transpira, onde se tenta a reconciliação e se faz o perdão com todas as consciências se perguntando no mais íntimo e recôndito canto da alma: que bem tenho feito? Como vai meu próximo? De que forma posso ajudar?

É nesta data que as pessoas se presenteiam sem interesse de retorno, vão aos orfanatos, hospitais e asilos. Data na qual o amor entra em misteriosa evidência, projetando-se em quase todos os rincões do mundo. Nessa época, constata-se de fato um leve sinal do que poderia ou poderá ainda vir a ser a humanidade cósmica proposta por Jesus Cristo, ou seja, um Natal de 365 dias por ano.

Neste período, se entende e se sente um pouquinho, do que Cristo nos quis passar sobre o Amor.

Esse Amor relatado e descrito por Jesus é o segredo de tudo, é a mola que lançará a humanidade a outras dimensões de relação com a vida, com o mundo, com você mesmo e o próximo.

O Amor de que Cristo trata não é passível de descrição. Ele só pode ser sentido ou avaliado através da própria vivência, tratando-se da maior e mais potente força jamais vista e experimentada.

Amor ao próximo, traduzido em respeito.

Amor incondicional ao universo, a toda criação e principalmente a si mesmo.

Essa é a indicação da real existência e materialidade do Amor Crístico. A pista, o sinal de que o Amor Cósmico existe nos é dado e provado através da energia do Natal.

Capítulo VI

O Jesus cósmico e Espinosa

Iniciamos este tópico com Pascal: **“Sem Jesus Cristo, não podemos conhecer o sentido da vida, da morte, de Deus e de nós mesmos”.**

Na sequência da citação de Pascal e na busca da melhor definição do Jesus Cósmico, ninguém teve tamanha sensibilidade e profundidade que o genial filósofo e pensador Baruch Espinosa.

Este portento intelectual que em pleno auge da inquisição, no século XVII, destemidamente, sem jamais abrir mão de seus livres pensamentos e posições, enfrentou as forças esmagadoras da Igreja de Roma e do intransigente Judaísmo para explicar e definir com todos os detalhes o que foi e é o Jesus Cósmico.

Neste brilhante enfoque, discorreu Espinosa sobre as exatas dimensões deste transcendente ser em seu “Tratado Teolólico-Político”. Espinosa já inicia denominando-o de Cristo e não Jesus porque é quase sempre por esse título messiânico (que significa ungido ou seja, benzido – por Deus) que Espinosa o designa, fazendo as seguintes considerações: [...] não creio que alguém tenha atingido tanta perfeição [como] Cristo, a quem os preceitos divinos que conduzem os homens à salvação foram revelados imediatamente, sem palavras nem visões. Deus manifestou-se, portanto, aos apóstolos através da mente de

Cristo, como outrora a Moisés por meio de uma voz que vinha do ar. E, assim, à voz de Cristo, tal como àquela que Moisés ouvia, pode chamar-se a voz de Deus. Neste sentido, podemos também dizer que a sabedoria divina, isto é, a sabedoria que é superior à do homem, assumiu em Cristo a natureza humana e Cristo foi o caminho da salvação. [...] Cristo se comunicou com Deus de mente para mente. Está, portanto, assente que ninguém, além de Cristo, recebeu qualquer revelação de Deus sem recurso à imaginação, quer dizer, a palavras ou imagens.

Com efeito, o que impressiona Espinosa no discurso de Cristo é que esse homem simples, que não recebeu qualquer educação mais avançada, apenas pronuncia palavras verdadeiras, profundas e universais. Na Ética, Espinosa sugere que Cristo corresponde ao verdadeiro homem livre, que apenas tem ideias adequadas.

Neste sentido, pode ser considerado não como a "encarnação de Deus", mas como a "emanação da sabedoria divina", conforme Espinosa discorre numa carta endereçada a Henry Oldenburg: "não é de modo algum necessário, para alcançar a salvação, conhecer Cristo pela carne, mas o mesmo não sucede com o Filho eterno de Deus, ou seja, a sabedoria eterna de Deus, que se manifestou em todas as coisas, sobretudo no espírito humano, e mais particularmente em Jesus Cristo".

Para Espinosa da mesma maneira que o homem Jesus se transformou em Cristo, na medida em que recebeu e viveu plenamente a sabedoria divina, podemos dizer que qualquer ser humano possui "o espírito de Cristo", se recebe e vive a sabedoria divina, o que equivale a dizer que assim acontece se

este homem compreende e põe em prática as leis divinas universais. A esse título, Cristo transmitiu “as verdades eternas, libertando-os por isso da servidão da lei e, contudo, confirmando-a e escrevendo-a no fundo dos corações”.

Espinosa com grande eloquência, diz que Cristo “inscreveu a lei divina para sempre no fundo dos corações”, a começar pelo mandamento do amor ao próximo. Cristo não veio fundar uma nova religião dotada de novas regras, de novos dogmas e um novo clero, mas antes transmitir “verdades eternas” à humanidade inteira. Ao fazê-lo, mais do que ser a encarnação de Deus, encarna na perfeição
a sabedoria divina, no sentido específico do dogma cristão.

Esse é o Jesus Cósmico que mudou o mundo, que mudou a intelecção da humanidade sobretudo acerca da espiritualidade e da percepção das coisas. O Jesus Cósmico, até hoje, apesar de mal compreendido após dois mil anos de sua passagem, foi o gatilho de uma revolução em termos de evolução espiritual.

O fato é que, apesar de ainda violenta e primária, a humanidade hoje possui a consciência de um outro tipo de relação com o mundo e com seus semelhantes, graças a Jesus.

Apesar de muito faltar ainda para nossa humanidade integrar essa mensagem, temos a convicção de que Jesus mudou o comportamento e a vida humana de maneira incomensurável para a melhor.

Esses ensinamentos, de tão profundos, chegam a ser por vezes enigmáticos e paradoxais e, portanto, ainda bastante mal compreendidos em pleno século XXI.

A verdade é que aquela plateia rústica de ignorantes, de seres violentos e quase selvagens de dois mil anos atrás, provavelmente não logrou compreender, sequer 1% da profundidade de seu conteúdo. Quiçá hoje, a humanidade, após estes dois milênios, tenha chegado a 20% ou 30% da compreensão dessa mensagem na real profundidade de sua dimensão, o que, com certeza, já nos fez evoluir razoavelmente. É essa mensagem enigmática que tentaremos compreender mesmo que parcialmente a seguir.

Capítulo VII

O Jesus cósmico e o pai nosso

Ainda na busca da explicitação do Jesus Cósmico, outro componente que muito vem a desnudar esse Jesus é a verdade que se descortina por trás e nas entrelinhas da oração do "Pai Nosso", oração de tamanha dimensão, que, talvez, seja a via mais rápida, quando profundamente interpretada, de se conhecer e acessar a plenitude dos enigmas que envolvem nosso destino, vida, morte, Deus, a iluminação e a transcendência espiritual.

Assim, essa interpretação fará jus à sua infinita profundidade cósmica, por tratar-se (essa oração) de verdadeiro poço de incalculáveis respostas operando e impondo transparência, o que aliás, não é demais, visto ser a única mensagem deixada de forma direta pela boca do próprio Cristo.

Porém, ressalte-se ainda que a interpretação que se fará nos próximos parágrafos e que penso ser a real essência do que Cristo quis nos deixar é totalmente sensitiva e espiritual não possuindo nenhuma pretensão de ser científica, racional ou mesmo lógica.

Feita essa importante ressalva, com a transcrição do Pai Nosso, abaixo observo a necessidade de que fixamos a mente na leitura de cada palavra nela inserida. Nesse esforço, sem dúvida, buscar-se-á interpretar sua mensagem cósmica que se encontra

nas entrelinhas e por de trás das aparências e da pequenez das interpretações criadas por doutrinadores tradicionais cristãos. Com certeza, nesse esforço alcançaremos despretensiosamente a chave para o vislumbre da grande revelação que nos foi dada nada menos que pelo próprio Jesus Cósmico:

Pai Nosso que estais no céu

Santificado seja o vosso nome

Venha a nós o vosso reino

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje

Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Neste trabalho, já abordamos e interpretamos duas das frases acima; justamente por sua importância, estes comentários serão repetidos também neste item.

O Pai Nosso é composto de exatamente sete afirmações. Assim, não são questionamentos, interrogações ou meras considerações, tratando-se exatamente de afirmações reveladoras que, não aleatoriamente, são em número de sete.

Só por isso já seria possível alargar-mo-nos em infindáveis especulações sobre este numeral que é considerado de vital importância em quase todos os enfoques que envolvem a transcendência. Sua aparição é detectada e repetida inúmeras vezes e de muitas formas em todo o universo espiritual.

Sete frases que fecham um campo de transcendente definição, o qual enfoca e praticamente decifra os grandes mistérios de nossa vida e existência.

Seguirei, portanto, enfocando a primeira das sete afirmações:

"**Pai Nosso que estais no céu".**

De início, somos laureados com a maravilhosa e incomparável condição de filhos de Deus. Jesus, de pronto, nos traz à tona e nos joga à consciência um fato de primordial importância: a paternidade de Deus sobre todos nós.

Só isso já bastaria para nos dar suporte para vencer simplesmente as dificuldades, dúvidas e questionamentos que a vida nos impõe, sendo que a implicação desta condição de ter a paternidade de Deus traduz-se em verdadeiro vislumbrar de uma situação que quando por nós é devidamente integrada, conduz-nos a força e paz indescritíveis.

Primeiramente, tratando-se Deus de Nosso Pai, todos nós, na condição de filhos de Deus, também somos deuses e possuidores da marca da divindade cósmica carimbada em nossa essência. Ninguém pode ser filho de alguém sem carregar em si toda a gene, herança, origem e condição de absoluta ligação e intimidade com a fonte e origem de nossas próprias vidas.

O sentido desta paternidade nada mais nos impõe do que a consciência de que nossa origem é divina e cósmica, visto que somos filhos e criaturas advindas da própria vontade criativa do Deus Pai.

E o Pai é nosso, ou seja, de todos os seres vivos. A abrangência do pronome possessivo "nosso" impõe a certeza de que o Pai é de

cada um, é de todos nós, sem exceção. Isto quer dizer que nenhum ser vivo pode supor-se órfão e, portanto, fora ou desvalido dessa maravilhosa condição.

Na sequência desta primeira revelação, ainda, há a afirmação de que o nosso Pai está no céu. Parece simples, mas trata-se de uma estarrecedora verdade, qual seja: vosso Pai não se encontra no mundo físico, no mundo tridimensional, no mundo da matéria.

Céu e Terra são figuras utilizadas desde os primórdios para distinguir o mundo material (Terra) do mundo imaterial (Céu). Na realidade, o Céu é o símbolo daquele lugar que não é a Terra, que não é o mundo dos homens, do dia a dia onde os seres humanos vivem a sua breve experiência desta vida cotidiana e material. O Céu é um outro reino, no qual não existe a vida da matéria, ou seja, o céu é o mundo espiritual e imaterial, o universo cósmico.

Daí, Cristo, ao afirmar categoricamente que o nosso Pai está no Céu, não se pode obter outra conclusão se não o fato de que Deus não habita este mundo material: habitará a sua alma, seu íntimo e seu espírito. Caso contrário, a mensagem seria outra.

Mas a afirmação é cristalina e, quando interpretada no todo, expressa que a essência de Deus em função da paternidade que está inserida em todos os homens dá-nos a condição de verdadeiras divindades. Assim, o Pai que nos criou e nos fez seus filhos, titulares da herança divina, não está na Terra conosco no sentido material, mas dentro de nossa alma no sentido espiritual. Assim, quem nos criou está no reino do espírito, dentro de você, em nossa alma, e só deste lugar poderá

transpassar para o mundo material, porém, como reflexo, pois seu lugar e "habitat" original é o espírito.

"Santificado seja o vosso nome".

Esta afirmação, por sua vez, é de abrangente significado e, ao mesmo tempo, de radical simplicidade, visto que confirma a mensagem anterior, no sentido de que o que é santo e o que é sagrado não faz parte do mundo da matéria e da forma apegada ao tridimensional na qual vivem os homens. O sentido dado é o de que o que é santo está além da matéria e só fará parte da nossa realidade deste mundo como reflexo de nossa alma. Assim, o Deus Pai que somente habita este mundo através de nosso íntimo deve ser conclamado e considerado em sua legítima condição de cósmico.

A abrangência dessa mensagem é para que todos nós, seus filhos, busquemos sentir e interpretar a grandeza do Pai na sua devida condição anormal e infinitamente distinta desta ilusória realidade.

"Santificado seja o vosso nome" induz à conclusão de que Deus deve ser sentido como sagrado, sendo algo muito maior, anormal e diferente de tudo aquilo que possa ser visto ou sentido neste finito e ilusório mundo das formas.

"Venha a nós o vosso reino".

Esta frase de poucas palavras possui um conteúdo infinito. Confirmando as interpretações já realizadas, nesta frase encontra-se o apelo de que o reino de Deus venha em direção a nós, filhos de Deus e seres divinos. Não se cogita ou se pede que o reino de Deus seja implantado diretamente na Terra, neste

nosso mundo externo, mas, sim, é indicado de maneira certa que deve recair e ser instaurado no universo íntimo de si mesmo.

Fica desnudada, outrossim, de maneira inconteste que o reino de Deus é de Deus e é separado do mundo da matéria, ou seja, invoca-se o pleito de que venha a nós o reino de Deus. Destarte, confirma-se e repete-se as afirmações exaradas pelo próprio Cristo que expressamente afirmou: "**Meu reino não é deste mundo**" e "**O reino de Deus está dentro de vós".**

Com efeito, entendo que a mensagem de Cristo nessa parte do "Pai Nosso" é no sentido de que não vivemos no reinado de Deus, ou seja, este mundo no qual andamos, sofremos "e morremos", no qual estamos em contato constante com as formas da matéria não é o mundo governado por Deus. O Pai governa um outro reino, isto é, o reino dos Céus, do infinito imaterial, no qual não há a ilusão da separatividade e da matéria.

Daí, a lição de Cristo nesta parte da oração, a fim de que pleiteamos o reino de Deus dentro de vós, no vosso íntimo, na nossa alma, no nosso universo interior. Somente assim cogita-se que o reinado de Deus - e portanto, seus domínios - sejam implantados no mundo exterior, no mundo material. Assim, repito a célebre frase de Cristo*:* "O paraíso está dentro de vós".

"Seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu".

Abstrai-se nessa frase outra afirmação, porém, esta em caráter de pleito. Um pedido, uma verdadeira súplica, qual seja: pede-se que a vontade criadora de Deus, que como já se falou, governa o reinado dos Céus, seja estendida também para o reino

da Terra com o cessar da intelecção ilusória de que a matéria é a realidade.

Neste lanço, relembro outra frase exarada da boca do próprio Cristo quando este se revelou “não ser deste mundo”.

A vontade de Deus é estabelecida plenamente no Céu, daí o pedido para que seja estendida e abranja o reino da Terra, tomando conta e salvando o universo da matéria que, da forma que como dito por Jesus, não é originariamente seu reino e só poderá ser conquistado através do reflexo da alma humana quando iluminada pela divindade.

É evidente, pela interpretação das mensagens já detectadas, que a vontade de Deus só se fará forte na Terra quando se implementar a presença do próprio Deus no universo interior de cada um. Novamente, a indicação singela e ao mesmo tempo infinita e cósmica de Jesus e no sentido de que o reino de Deus está dentro de nós.

Isto nada mais é que uma real conclamação para pôr-nos em luta e fazermos uma verdadeira revolução em nível espiritual e íntimo.

Esta é a verdadeira e abrangente revolução. É a revolução do si mesmo, a única capaz de transbordar da esfera interior do ser para transformar o mundo exterior e material.

Assim, o que transborda do Jesus Cósmico é que no mundo externo, na matéria, pouco importa a ideologia política a se implementar, o que realmente importa é a revolução no íntimo da humanidade, no seu interior, na sua alma como pré-requisito ao sucesso de qualquer tentativa de evolução no mundo exterior.

Este mundo das formas, melhorará e evoluirá inexoravelmente, desde que prevaleça a vontade a ser imposta por homens evoluídos, homens de consciência cósmica e de boa-fé que já se modificaram com a revolução do si mesmo indicada por Jesus. Portanto, assim que for instaurada a ditadura do ser, do amor no nosso interior, será o suficiente para que este sistema seja transbordado no mundo material sob qualquer rótulo. Qualquer sistema político aplicado por alguém que tenha o amor e o reino de Deus implantado dentro de si, valerá muito mais que um regime ideologicamente correto e de grande estofo social e democrático instaurado num mundo onde ainda não se operou a modificação cósmica do si mesmo com a implantação das verdades eternas que Jesus tentou ensinar.

Só após o reconhecimento e conscientização do domínio de Deus, no universo espiritual que é de cada um, é que se poderá transbordar do mundo íntimo abrangendo o universo da matéria e da forma, o que resultará na transformação deste mundo de sofrimento e apego à matéria no reflexo do verdadeiro paraíso que é o próprio reino dos Céus na Terra. Penso ser esta a chave que Jesus tentou, até hoje sem sucesso, nos conceder.

Daí, o pleito dirigido no sentido de que a vontade de Deus seja feita na Terra da mesma maneira assim como ela é feita no Céu. Porém, repita-se: a vontade e presença só se darão quando forem instauradas primeiramente no reino íntimo de cada ser humano para, após tal tomada de território na alma de cada um, ser transplantada para o mundo fenomênico que, aí sim, será

transformado num mundo de harmonia, luz, paz, aconchego, no qual não haverá mais ódio, ambição, disputa pelo poder, miséria e ilusão.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Esta afirmativa já foi discutida e analisada nesta obra, mas em razão do contexto da análise integral do “Pai Nosso” nesta presente abordagem, achamos por bem repeti-la.

Destarte, Jesus Cristo, nesta frase, muito nos dá a certeza e garantia de que pede ao Pai o pão nosso de cada dia. Percebe-se a afirmação de que o pão nosso é dado por Deus a cada dia com a ênfase de que seja fornecido hoje.

Profunda e ampla esta colocação do “hoje”, pois induz a mensagem de que se deve ter consciência da importância do aqui e do agora.

O “hoje” nada mais é do que o eterno momento do agora, sendo o único lugar que existe, onde nunca faltará provisão, visto que o passado, com suas marcas e cicatrizes, nada mais é do que lembranças que se acessam quando quisermos, e se assim o desejarmos.

Da mesma forma, o futuro é a ideia e a imaginação do que ainda não existe. Aquilo que se fará ou que está se programando simplesmente é projeção. Jesus Cristo acende a luz sobre a verdade intransponível, porém, distante e abstrata para muitos, no sentido de que só existe o agora, o momento presente. Ao referir que as preocupações, pleitos e buscas (o pão nosso de cada dia) nos será dado hoje, nos ensina a mensagem que não nos preocupemos excessivamente com a matéria.

A importância da mensagem contida na ênfase do “hoje” que Cristo transmite expressamente em sua oração, é que a chave para que se possa entrar no castelo do reino de Deus é o agora, nisso consiste a iluminação. Não ocorrendo as preocupações com o futuro nem com as ilusões que um passado distante possa influenciar, e, concentrando-nos no mundo eterno do hoje, que nada mais é do que o sutil e sucessivo desfile de instantes do agora, se conseguirá, indubitavelmente, através da desvinculação do pensamento e da desconcentração daquilo que não existe (passado e futuro), abraçar o próprio Deus que habita dentro de nós hoje, no agora, no eterno e único lugar que realmente existe.

Ademais, quando Jesus se refere ao “pão nosso de cada dia”, ele quer retratar justamente aquilo que o homem necessita tanto em termos materiais, ou seja, o alimento do corpo, quanto no âmbito espiritual, sendo nada mais que o alimento da alma e que tudo isto é provido naturalmente para todos os seres vivos.

Ao contrário, o que macula tal provisão (que na sua essência é infinita e advém naturalmente do Deus interior) e a infesta de dúvidas e desvirtuamento é justamente o divórcio e o distanciamento do ser humano com o agora.

Isto é, a partir do momento em que o ser pensante projeta incessantemente suas preocupações ao universo do porvir, baseado em experiências de tudo aquilo que já foi, bem como com a ansiedade e os questionamentos relativos a preocupações quanto à subsistência do corpo e da alma, a dúvida e o sofrimento inexoravelmente se instauram no seu ser, afastando-o da iluminação do eterno agora, onde nada falta. É

dentro deste contexto que se faz a mensagem “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

“Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

Ensina o Mestre, no conteúdo da sexta afirmação do “Pai Nosso”, uma diretriz dupla: uma refere-se à regra de convivência entre os seres humanos, e a outra, por seu lado, visa dar a conscientização da primariedade e fragilidade que compõe a condição humana no mundo da matéria.

A maioria de nossos semelhantes tem o próprio umbigo como centro do universo, com a total incapacidade de olhar para os lados e deparar-se com a realidade. O fato é que todos nós somos extremamente iguais ao próximo, e justamente por isso ele é denominado de seu “semelhante”. Tem fome igual a ele, tem medo igual a ele, vai morrer para a matéria da mesma forma que todos os nossos irmãos, bem como a inveja e o egoísmo são exatamente iguais entre nós, pelo menos em termos de sentimento. Assim, não é agradável e muito menos fácil olhar para os lados para ter de constatar seu próprio apego a matéria em outro ser humano.

Jesus nos propõe a consciência de que somos todos iguais nesta condição de fragilidade e instabilidade humana e que poderíamos estar no exato lugar daquele semelhante desvalido e que sofre, assim nos impingindo o nobre sentimento da compaixão.

Como explicitado anteriormente, a condição da essência divina contida dentro de nós em função da consciência da

paternidade de Deus não exclui a existência da ilusão da matéria e da separatividade. Atitudes pequenas, egoísticas e mesmo selvagens infelizmente continuarão a compor nosso comportamento nesta existência dual, fenomênica e ao mesmo tempo espiritual na qual nos encontramos.

Daí Cristo mostra nossa pequenez sem nenhuma mistificação ou rodeios nesta nossa existência, que é eminentemente coletiva e convivencial, já que estamos constantemente em contato com outros seres humanos, em vosso dia a dia, relacionando-nos com outras pessoas, seja em termos familiares, profissionais, lazer ou mesmo ocasionais.

É nesta condição que erramos e somos vítimas das falhas alheias. Erramos, contaminando com nossos erros os outros, da mesma forma que somos vítimas da fraqueza e ações negativas alheias, ou seja, ofendemos e somos ofendidos. Está aí nossa condição primária e animal da qual primeiramente teremos que nos conscientizar para posteriormente amenizá-la e, ao final, quem sabe extingui-la por completo.

Querendo ou não, a realidade é que ao longo de nossas vidas erraremos sempre e, infelizmente, ofenderemos os outros seres, odiando-os ou mesmo os amando. Da mesma forma, não passaremos ilesos. Seremos afrontados e ofendidos por más ações ou omissões de terceiros, sendo esta a nossa condição de primariedade nesta existência de apegos e ilusões.

Porém, com a conscientização desta realidade da qual Jesus faz questão de jogar às nossas faces, a única solução para o fato de ofendermos e sermos ofendidos é o perdão.

Assim sendo, o conteúdo de mais esta afirmativa de Jesus é o enfoque da importância do perdoar. Caso todos os que sejam ofendidos perdoem, há a transmutação cósmica, no sentido de que os que ofenderam serão perdoados. Dessa forma, a partir do momento em que na convivência e no interrelacionar-se, o imaterial será senhor da matéria e, assim, o perdão supera o ódio, as ofensas, o rancor e a mágoa e se os seres humanos entre si perdoarem-se mutuamente, surgirá a essência divina oriunda da condição de filhos de Deus que suplantará o lado primitivo, apegado e material, advindos da ilusão deste mundo das formas.

No exato momento em que um ser humano perdoa o outro, é na realidade a sua essência divina, ou seja, a consciência cósmica do Pai, que está se manifestando e espalhando o bálsamo do perdão e mitigando a ilusão da matéria. Assim, Jesus quer transmitir que quanto mais utilizarmos o perdão, tal se transformará num hábito, em uma verdadeira epidemia. O mundo do apego, do rancor e do ódio transmutar-se-á assim no reino dos céus, no reino de Deus.

"Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, amém"!

Esta sétima e última afirmação de Jesus Cristo, no contexto da oração que ele mesmo nos ensinou é, sem dúvida, a mais importante e abrangente.

O pedido afirmativo ao Pai de que ele não nos deixe cair em tentação refere-se à tentação de fixarmo-nos no mundo

material, esquecendo-nos do universo interior, de nossa ligação com o divino com o universo espiritual.

É que, na sensibilidade do Cristo cósmico, o encantamento do mundo da matéria e o apelo da dimensão do contato com o universo tridimensional são tão grandes (e quase coercitivas), que o normal é nos unirmos e vincularmo-nos quase com uma única dimensão, qual seja: com o universo material. Esta é a grande e natural tentação, é a linda sereia que com seu cantar mágico nos chama a todo instante ao mergulho e ao abraço no mundo das coisas. Dinheiro, luxúria, ganância, riquezas, conquistas incessantes, sexo, viagens, entre tantas outras tentações da matéria são atrativos que, como os anúncios de néon nas avenidas das grandes cidades, nos chamam piscando para que simplesmente mergulhemos num salto suicida nessas piscinas da mais pura ilusão.

Ao contrário, Jesus Cristo conclama o Pai para que nos ajude a não cairmos na armadilha dessas tentações e nos livrarmos do mal que se faz pela ilusão da matéria.

Convida-nos a sermos tutelados e orientados pelo Ser e mergulharmos não numa piscina de ilusão, mas, sim num enorme oceano de plenitude, paz e aconchego.

Alerta-nos que o mau, fruto da tentação pela união cega com a matéria, está exposto, atraindo-nos como convite dos *outdoors*, sendo o caminho mais fácil e evidente. Porém, aqueles que conseguem colocar suas visões um pouco além do óbvio, descobrirão um tesouro incomensurável, no hemisfério do eu divino, do Ser.

Ao invertermos a nossa visão com os olhos, enxergando para dentro da própria alma, e não simplesmente para fora, encontraremos no ser que nos habita a grandeza, a verdadeira paz e o mundo que Cristo tanto tentou nos desvendar ao repetir por tantas vezes que o paraíso está dentro de nós.

Assim, não nos deixeis Senhor, cair na tentação de só ver a alegria e a satisfação na matéria, livrando-nos deste mal, deste vício e desta ilusão e concedei-nos a glória, a bem aventurança e a paz infinita de nos lançarmos no verdadeiro universo, na dimensão cósmica.

As trevas se dissolvem imediatamente com o aparecimento da luz, e esta luz tem de ser buscada e alimentada constantemente e incessantemente da energia cósmica divina. Este alimento que é espírito e que se sobrepõe à ilusão da matéria faz com que essa luz se mantenha acesa a este combustível, que nada mais é do que a prece, a oração e a meditação daquilo que o Jesus cósmico nos ensinou e a constante vigília para que nos mantenhamos no aqui e no agora, caminho que nos foi dado por Cristo para nos pôr defronte e na presença do ser que habita em todos nós.

Transcender é ir além. Em termos espirituais, também significa “crescer”. Assim, terminamos esta análise com os dizeres de Paulo de Tarso com relação ao mundo material e ao euzinho que tudo quer para si: “quando eu já não era mais criança, deixei de lado as coisas infantis”.

Capítulo VIII

O Jesus cósmico
e o sermão da montanha

Iniciando a presente abordagem, evidenciamos que nada caracteriza melhor o Jesus Cósmico, do que o Sermão da Montanha, as chamadas “Bem Aventuranças”. Quiçá, o homem do futuro longínquo, do ano 10 mil, terá, talvez, a amplitude e capacidade de compreendê-lo em sua plenitude, os 100% de seu quase que inalcançável conteúdo. Destarte, quem sabe, em um distante e diferente estágio de evolução e desenvolvimento espiritual, a humanidade, daqui há muitos milênios, seja habitada somente por seres crísticos que pratiquem e compreendam essa mensagem em sua dimensão cósmica.

Assim, sem mais delongas, entremos de vez no grande manifesto cósmico lançado por Jesus Cristo, através do Sermão da Montanha. É importante dizer que estes ensinamentos devem ter sido interpretados naquele tempo como uma total insanidade.

Naquele dia, Jesus, cercado por uma multidão de seres rústicos e ignorantes que se estapeavam uns aos outros para ver quem ficava mais próximo dele, ou simplesmente disputando um simples pedaço de pão ele com voz sonora e calma aconselhava aquela trupe de miseráveis, famintos e doentes para:

> amai os inimigos, fazei bem aos que vos odeiam. Falai bem dos que vos maldizem e orai por quem vos calúnia. À quem te ferir numa face, oferece-lhe a outra; e à quem te tomar o manto, não impeças de levar também a túnica. Dá a todo aquele que te pedir e não reclames de quem tirou o teu. O que quereis que os homens vos façam, fazei-lhes o mesmo a eles (...) fazei bem e emprestai sem esperança de remuneração, e grande será a recompensa. Assim sereis filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso para com ingratos e maus. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados.

> Absolvei e sereis absolvidos. Daí e vos será dado. Uma medida boa, apertada, sacudida, transbordante vos será colocada no regaço. Pois, a medida com que medirdes será usada para medir-vos. (Lucas 6,27-38)

Não há dúvida de que estas mensagens são absolutamente fora de todo contexto sociológico da época. Naquele tempo, a população palestina buscava uma pregação revolucionária, objetivando sua libertação dos opressores e dominadores que, como já dito, tudo tiravam dos humildes.

Pregar algo de tal profundidade para quem está faminto e oprimido, em busca de um mínimo de dignidade, paz e bem estar só pode ser compreendido como um disparate. Como poderia aquela gente desvalida e carente de tudo captar aquelas frases em sua dimensão infinita, espiritual e cósmica?

Repito a indagação: como devem ter recebido aqueles seres estes ensinamentos de tal magnitude e profundidade, totalmente distantes até de nós, homens do século XXI?

Quem seria o louco a proferi-los? Como perdoar quem nos faz o mal e como seria possível que amemos nossos inimigos? Como falar bem de quem nos difama? Como orar por aqueles que nos prejudicam? Enfim, como dar a outra face a quem acabou de nos agredir? Talvez para seguirem machucando-nos e açoitando-nos?

A verdade é que isso tudo é um grande e inacessível salto espiritual. Algo inviável e impraticável para a totalidade da humanidade atual.

Nossa própria legislação permite-nos ferir e até matar em legítima defesa e reagir na exata proporção de quem nos agride.

Assim, indaga-se quão mais “absurdo” seria naquela época em que foi proferida?

Por incrível que pareça, mesmo para os dias atuais, Jesus simplesmente insinua que a postura correta, na hipótese de uma violência séria, se preciso, que nos deixemos ser agredidos. É tirar a própria veste para dar ao próximo necessitado. É passar frio, para aí, tornarmo-nos carente?

O recado é claro e radical, a menção é específica no sentido de que se alguém nos rouba o manto, em vez de nos defendermos tentando recuperá-lo, devemos simplesmente também dar a túnica. Claramente, isso prova que os valores do Jesus Cósmico impõe que sujeitemo-nos a todo e qualquer sacrifício, sem exceção, na busca de amenizar o sofrimento do próximo, o que vislumbra um outro estado de consciência, um outro tipo de comportamento.

A conclusão é uma só, qual seja: são absolutamente impraticáveis tais comportamentos, para este mundo nesta etapa de nossa evolução, pois vão contra a essência genética incrustada na nossa raça que, como já dito em capítulos anteriores, há poucos milênios tinha seu comportamento e condição próxima a dos animais selvagens vivendo em comunidade.

Esta condição de impraticabilidade da doutrina de Jesus advêm de sua absoluta dimensão cósmica, e isto está justamente na raiz dos graves e maiores problemas dos seguidores das religiões originadas do cristianismo (Igreja Católica Apostólica Romana, Ortodoxa e todas as congregações evangélicas, sem exceção), visto que tudo o que envolve Cristo,

justamente por sua dimensão cósmica e patamar comportamental complexo e impraticável origina uma brutal frustração psicológica e emocional em qualquer ser humano que já tentou ou pretendeu viver o Cristianismo na sua totalidade, em ações, palavras e atos.

Chega a ser decepcionante e traumático (para a realidade humana), a tentativa de praticar os ensinamentos do Sermão da Montanha. Esses ensinamentos de Jesus são tão distantes e acima das possibilidades da humanidade que na realidade consistem no próprio cerne que propicia a derrocada de seu rebanho de seguidores. O fato é que por não conseguirmos aplicar e praticar com inteireza e em sua dimensão e plenitude estes fundamentos e mensagens, vez que estamos muito distantes desse patamar de perfeição e dessa magnitude de comportamento, o sentimento que fica é a frustração e o complexo de imperfeição e culpa.

Esta é a causa pela qual muitos integrantes dessas igrejas e credos são recalcados e complexados porque nunca conseguirão, sequer de longe, agir e ser como o Cristo do Sermão da Montanha. Isto porque não há dúvida de que nossa índole é violenta, que a humanidade é mesquinha, egoísta e pobre de espírito e que Franciscos de Assis, Teresas de Calcutá, entre outros, são raridades e exceções.

A questão é realmente complexa. Destarte, como aceitar, mesmo através de uma consciência avançada para os dias atuais, que os “bem-aventurados” são os miseráveis, os exilados, os perseguidos, os doentes e famintos? Como aceitar que bem aventurados são os oprimidos e injustiçados, aqueles seres

infelizmente incipientes que na atualidade vemos naufragar em frágeis barcos tentando cruzar o Mar Mediterrâneo na busca quase impossível de serem abrigados em algum país da Europa onde possam minimamente se alimentar e ter alguma dignidade humana? Quem sabe, aqueles milhões de exilados miseráveis de Mianmar, famintos e morrendo assassinados só pelo fato de não participarem do mesmo credo religioso da maioria muçulmana de seu país sejam os bem aventurados do sermão da Montanha?

Enfim, são esses os bem aventurados? Eles são mansos, não optam por reagir, levantam bandeiras brancas acenando-as para o mundo e morrem aos milhares em naufrágios ou assassinados simplesmente por sua crença pacífica? Segundo o Cristo do "Sermão da Montanha", estes terão a plenitude das alegrias, com a total saciedade da sua fome física e espiritual.

Como narrado acima, a verdade nua e crua é que a proposta do Jesus Cósmico é realmente utópica e impraticável. Repito: são raríssimos os Franciscos de Assis, as Irmãs Dulce e as Madres Teresa de Calcutá para colocá-las em prática, passando literalmente toda vida em sacrifício próprio ao lado de leprosos e curando suas mal cheirosas feridas dia e noite.

Mas, também, é justo relatar o fato de que centenas de heróis anônimos de um exército cósmico efetivamente já existem e encontram-se em atuação na atual humanidade assumindo a condição e as propostas cósmicas de Cristo e pondo-se em luta e à prova em ação diária. Alguns missionários, a Cruz Vermelha, os Médicos sem Fronteiras etc são alguns dos vários exemplos das divisões cósmicas. Tratam-se de um exército de consciência

crística a se dedicar integralmente passando suas vidas a limpar as fezes de crianças subnutridas ou a desinfetar feridas mal cheirosas de idosos na África Subsaariana.

Contudo, isso é muito pouco ou quase nada quando comparado com a dimensão das necessidade de nosso mundo que concentra 82% da riqueza mundial na mão dos denominados “super ricos”, afora o fato de que 50% de tudo que se produz no mundo está concentrado em 1% da população. De acordo com levantamento do Banco Credit Suisse, as 26 pessoas mais ricas do planeta detém a mesma riqueza que 3,8 bilhões de pobres.

Exceções existem, mas, como já dito, a grande maioria dos que ministram e invocam o Cristianismo e a sua prática estão infinitamente muito distantes desta condição de atuação indicada no “Sermão da Montanha” e essa realidade supedaneada é o cerne da derrocada das próprias religiões cristãs existentes na atualidade.

Neste sentido, indague-se aos cardeais de Roma, bispos, padres, clérigos em geral, aos ministros e pregadores de todos os cultos evangélicos sem exceção: quantos de vocês praticam obras e atuam neste nível de grandeza, no diapasão da profundidade proposta pelo Jesus Cósmico? Quantos de vocês põem as mãos nas chagas e nas feridas de nossa devastada humanidade?

Como já dito, esta é a raiz da doença, da falsidade, e da podridão deste mundo religioso. A grande maioria de seus agentes ou são hipócritas e aproveitadores, ou são frustrados e complexados por não se parecerem e tampouco praticarem o

Cristo Cósmico. Aliás, a grande maioria faz uma benemerência aqui e uma "obrinha" ali para acobertar seus verdadeiros ganhos materiais acima da boa fé, da fragilidade e da ingenuidade dos próprios miseráveis que os seguem.

A realidade é que Jesus Cristo propôs uma grande utopia comportamental aos selvagens de 2000 anos atrás, impraticável ao homem do século XXI, e quem sabe aplicável daqui há dez mil anos, talvez quando a humanidade realmente der o salto cósmico proposto por Jesus.

O fato que se vislumbra claro e óbvio é que nossa civilização odeia a pobreza e quer ficar bem longe dos pobres e doentes. Detesta quando crianças maltrapilhas lhes abordam nas ruas e nos semáforos e muito menos quando os incomodam nas mesas dos restaurantes a vender balas ou panos de prato. Queremos ficar bem longe de migrantes e imigrantes que ameaçam nosso bem estar.

A sociedade, ao contrário, ama os vencedores, os que enriquecem, aqueles que vencem nos esportes, os que sorriem, festejam e são alegres e cheirosos. Admiram os que ostentam poder e, em sua grande maioria, despreza as lágrimas dos pobres e perseguidos.

O fato, a grande verdade é que, muito distante dessa realidade, o Jesus Cósmico não deixa por menos, e ao contrário, exorta aos quatro ventos: "Felizes os pobres, pois deles será o reino dos céus".

No seu brilhante trabalho "O Grande Segredo de Jesus", Juan Arias chega a esta mesma conclusão (da mensagem impraticável) ao indicar que muito do que Cristo disse e

praticou, principalmente nas “A Bem Aventuranças”, é para outro homem e que só serão passíveis de serem reproduzidos estes ensinamentos à uma humanidade geneticamente evoluída e transformada, ou seja, só teriam condições de serem efetivamente experimentados por um homem cósmico do futuro:

> outra dimensão e outra lógica. Por isso, é difícil para as pessoas entendê-lo e nem os intelectuais, habituados à lógica cartesiana, o compreendiam melhor. Por isso ele era desconcertante. Os sentimentos e as emoções de Jesus eram profundamente humanos. Para ele era tão claro o segredo que queria comunicar aos homens sobre outra vida possível, outra lógica e um modo de ser e pensar diferentes do egoísmo habitual, que às vezes dá a impressão de perder a paciência e se irritar com aqueles que não sabem ou não querem compreendê-lo.

Enfim, a mensagem Cósmica de Cristo não tem a menor preocupação de amenizar ou abraçar um comportamento morno, dúbio, pelo contrário, é essencialmente radical no que fala e prega. Em linguagem simples, “não alisa” esse modo de agir, põe essa postura em pratos limpos, aliás, muito mais claramente do que o proposto na maioria das interpretações teológicas encontradas em todas as religiões que tem o Cristianismo como base. Jesus é claro e pontual ao dizer: “Seja quente ou seja frio, pois o morno enjoa”.

Por isso, é uma mensagem cósmica. Não busca uma sociedade melhorzinha, menos egoísta, não tão violenta, ou um pouco menos corrupta. Para o Jesus Cósmico a coisa, ou é, ou não é. Para ele não seria uma mudança gradual, mas uma mudança radical. Destarte, profetizou a existência de uma sociedade efetivamente nova, realmente sem nenhuma

violência, na qual o egoísmo não teria o menor cabimento, vez que tudo caminharia no fluxo utópico e centrífugo do amor desinteressado e baseado na harmonia de uma consciência cósmica.

Sintetiza brilhantemente este enfoque Juan Arias em sua obra já citada com a transcrição abaixo:

> Nas palavras de Jesus, o passo para a solidariedade é a grande utopia ou revolução ignorada pela igreja fundada em seu nome, cuja teologia e espiritualidade ainda se baseiam no sacrifício, na dor, nas penitências, (os religiosos ainda se flagelam e mortificam a carne com cilícios) e numa série de mortificações, e ignoram que Jesus se adiantou ao vislumbrar uma relação nova entre os homens, e deles consigo mesmos e com Deus. Esta relação impossibilita a violência de base, pois parte da aceitação total e amorosa do próximo, que devemos amar e cuidar como a nós mesmos. Com estes modelos de relações humanas, onde caberiam a violência, a vingança e o desamor?

Felizmente, apesar de muito aquém do desejado, o embrião deste comportamento cósmico transmitido por Jesus Cristo efetivamente conseguiu, por incrível que possa parecer, semear em algum grau o coração da humanidade. Foi justamente a partir dele que, mesmo de forma incipiente, iniciou-se uma revolução comportamental, sociológica e espiritual baseada nestes pilares cósmicos alardeados há dois mil anos nas montanhas que circundam o mar da Galiléia.

Se a humanidade evoluiu, mesmo que a passos pequenos em seus instintos violentos e primários, na mesquinhez e no egoísmo se afastando um pouco da selvageria espiritual, isso se deve exclusivamente ao Jesus Cósmico, pois foi ele o primeiro a ensinar e dar o exemplo desse novo caminho.

Capítulo IX

O Jesus cósmico
e outras mensagens

Além do “Pai Nosso”, Cristo, deixou muito mais de sua condição cósmica para a humanidade através de frases, pensamentos e mensagens que narram episódios e parábolas propriamente ditas, conteúdos estes em tal volume e tão impressionantemente enigmáticos, inexplicáveis e paradoxais que denotam tamanha profundidade e dimensão que não seria difícil de se concluir (tal qual a própria história de Cristo) pela total impossibilidade de terem sido criados por uma mente humana que pretendesse constituir uma religião ou as bases de uma teologia.

Com certeza, nenhum dos considerados grandes filósofos místicos ou doutrinadores teológicos da humanidade produziram nada parecido ou de tamanha magnitude espiritual e profundidade. Ele simplesmente mudou a humanidade com base em suas mensagens e práticas.

Comentando as parábolas de Cristo, novamente Arias em seu belíssimo trabalho “O Grande Segredo de Jesus”, assim dispõe:

> Quase sempre que Jesus apresentava uma parábola comparando uma determinada situação com uma realidade concreta da vida, para que os seus seguidores o entendesse melhor, costumava dizer: “O Reinos de Deus é semelhante a.....”, por exemplo, a levedura que faz crescer a massa, convertendo-a em algo totalmente novo, como o pão; o candeeiro na escuridão, que ilumina as trevas e faz o mundo totalmente novo e pleno de luz; o banquete de que os pobres participam pela primeira vez; ou o grão de mostarda, insignificante, mas que termina por se converter em uma árvores frondosa. Todas as parábolas falam de radicalidade, ruptura, novidade. Centenas de psicanalistas, a começar por Jung, mergulharam no rico mundo das parábolas de Jesus, pois são um material formidável para desvendar os mecanismos do inconsciente, os abismos da psique e as possibilidades radicais de mudança nas relações pessoais e sociais.

Oportuno, neste lanço, transcrever apenas algumas destas mensagens transcendentes e enigmáticas, muitas, inclusive, ainda incompreensíveis e indecifráveis até os dias de hoje em sua real dimensão e profundidade.

Assim sendo, que o próprio leitor tire suas conclusões sobre a base literal deste universo cósmico:

Um rico proprietário de terras fez alguns planos de longo prazo: “Eu vou semear e colher, vou plantar e juntar, vou encher meus armazéns completamente, vou ter mais do que poderia desejar”. Naquela noite ele morreu;

“Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas, todavia apenas uma é necessária” (Lucas 10:41,42);

“Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus”;

“Por que vocês estão sempre ansiosos? Será que os seus pensamentos ansiosos podem acrescentar um simples dia às vossas vidas?”;

“Disse Jesus: não andeis preocupados, da manhã até a noite, e da noite até a manhã, sobre o que haveis de vestir” (Tomé). Olhem para os pássaros no ar, eles não plantam nem colhem. Eles não armazenam nem acumulam, mesmo assim, dia após dia, Deus lhes dá alimento. Olhem para as flores ao redor de seus pés, elas não fiam nem tecem, elas não costuram nem fabricam. Mesmo assim o Rei Salomão brilhou menos do que elas. Então, por que se preocupar com sua vida com o que vai ter para comer, com o que vai ter para vestir?;

“Negue-se a si mesmo”;

“Seja como um servo esperando pelo retorno do seu senhor”;

“Antes de entrar no templo, perdoe”;

“Você não pode, ao mesmo tempo, montar dois cavalos. Você não pode, ao mesmo tempo, fazer duas reverências. Você não pode, ao mesmo tempo, servir a dois mestres. Não podeis servir à Deus e a riqueza”;

“Bem aventurados os humildes de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem aventurados os mansos, porque possuirão a Terra”;

“Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mateus 11:28);

“Eu sou o caminho a verdade e a vida – quem me segue não anda em trevas, mas tem a luz da vida” (João 14:6);

“Feliz do homem que foi submetido à prova – porque ele achou a vida” (Tomé);

“Conhece o que está ante os teus olhos- e o que te é oculto te será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado” (Tomé);

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”;

“Salve sua vida, desprenda-se de sua vida. Desprenda-se de sua vida, Salve sua vida”;

“Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito!” (Lucas 23:46);

“Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo.” (João 11:11);

“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma.”;

“Perguntaram os discípulos a Jesus: como será o nosso fim? Respondeu-lhes Jesus: descobristes o princípio para saberes do fim. Onde há princípio ali também haverá fim. Feliz de quem está no princípio; também conhecerá o fim – e não provará a morte” (Tomé);

“Disse Jesus a seus discípulos: sede transeuntes!” (Tomé);

“Disse Jesus: o céu e a terra se desenrolarão diante de vós, e quem vive do Vivente não verá a morte. Quem se acha a si mesmo, dele não é digno o mundo” (Tomé);

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá.” (João 11:25);

“Quem descobrir o sentido destas palavra não provará a morte”;

1º Coríntios 15:49: “Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial”;

“Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo. Digo-lhe a verdade: ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nascer do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: é necessário que vocês nasçam de novo. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito”. (João 3:1-10);

“Ganhar o mundo e perder a alma”. Sem arma na mão. Sem sandálias nos pés. Sem mochila nas costas. Sem muito conversar

na viagem. E as mesmas roupas para o dia e a noite, verão e inverno;

Os alguéns serão ninguéns e o ninguéns serão alguéns;

Somente aqueles que não têm pão não têm falhas;

Não dê seu dinheiro àquele que paga com juros. Dê seu dinheiro àquele que jamais pagará;

Os poderosos serão humilhados. Os humildes serão exaltados;

Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e onde os ladrões perfuram as paredes e roubam. Entesourai para vós tesouros no céu...;

“No mundo, tereis tribulações – tende confiança; eu venci o mundo”;

“Disse Jesus: felizes os pobres, porque vosso é o Reino dos céus” (Tomé);

“Disse Jesus: mostrai-me a pedra que os arquitetos rejeitaram. Ela é a pedra angular” (Tomé);

“Mostraram a Jesus um pedaço de ouro e disseram: os agentes de César exigem de nós o pagamento do imposto. Respondeu ele: daí a césar o que é de César, e daí a Deus o que é de Deus – e daí a mim o que é meu” (Tomé);

“Disse Jesus: quem achou o mundo e se enriqueceu, renuncie ao mundo” (Tomé);

“Os discípulos perguntaram-lhe: em que dia vem o Reino? Jesus respondeu: não vem pelo fato de alguém esperar por ele; nem se pode dizer, ei-lo aqui! ei-lo acolá! O Reino está presente no mundo inteiro, mas os homens não enxergam” (Tomé);

“Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua harmonia e todas as outras coisas vos serão dadas de acréscimo” (Jesus, o Cristo);

“Se Deus estiver convosco, quem poderá ser contra vós” (Paulo);

Responsáveis a Ele pelo uso apropriado do tempo, oportunidades, capacidades e posses e das bênçãos da terra e seus recursos (Sal. 24:1 Mat. 3:10; I Cor. 6:19 e 20);

“Desde antes de Abraão, Eu sou.”

O meu ensinamento não vem de mim mesmo. Vem daquele que me enviou;

“Ninguém jamais viu a Deus” (João 1:18);

“Deus é amor” (1º João 4:8);

O Reino de Deus não vem num tempo futuro não se pode indicar o sinal de sua chegada. O Reino de Deus não vem num lugar especial não se pode indicar o lugar de sua chegada. O Reino de Deus já se encontra aqui, no meio de vocês, agora;

Você olha para a terra e para o céu e diz como será o tempo. Depois olhe aqui e agora e veja o que se move entre vocês;

“As obras que eu faço, não sou eu que as faço; é o Pai em mim que faz as obras: de mim mesmo, eu nada posso fazer”;

“Disse Jesus: eu sou a luz, que está acima de todos. Eu sou o “Todo”. O Todo saiu de mim, e o Todo voltou a mim. Rachai a madeira – lá estou eu. Erguei a pedra – lá me achareis” (Tomé);

“O Reino de Deus não virá de um modo ostensivo. Nem se dirá: Ei-lo aqui; ou: Ei-lo ali. Pois o Reino de Deus já está dentro de vós.”;

“Fique em silêncio, sinta a Minha presença e saiba que eu sou Deus”;

“Jesus disse: se vossos guias vos disserem: o Reino está no céu, então as aves vos precederam; o Reino está no mar, então os peixes vos precederam. Mas o Reino está dentro de vós, e também fora de vós. Se vos conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai Vivo, se não vos conhecerdes, vivereis em pobreza, e vós mesmos sereis essa pobreza” (Tomé);

“Disse ele: Senhor, muitos rodeiam a fonte, mas ninguém entra na fonte” (Tomé);

“Orai sempre, e nunca deixeis de orar” (Tomé);

“Disse Jesus: quem conhece o Universo, mas não se possui a si mesmo, esse não possui nada” (Tomé);

Entre no Reino, torne-se criança. Torne-se criança, entre no Reino;

“De mim mesmo não posso fazer coisa alguma” e “Não credes que estou no Pai e que o Pai está em mim? A palavra que vos digo não digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras”;

“Todo o seu corpo será preenchido pela luz”; As boas novas de que Deus baixou uma escada do céu pela qual podemos subir até ele (João 1:51; Gênesis 28:12). Fomos destituídos da glória de Deus, então a glória de Deus desceu até nós;

“A paz de Deus que excede toda a inteligência”.

“É necessário que ele cresça e que eu diminua” (João 3:30);

“Eu e o Pai somos um, o Pai está em mim, e eu estou no Pai – mas o Pai é maior do que eu”;

“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, ficará estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado – e então terá domínio sobre o Universo” (Tomé);

“Peça e receba. Busque e encontre. Bata e a porta se abrirá completamente à sua frente”.

“Escuta você ou escuta a mim. Não é nos ouvir, mas ouvir o Deus que nos mandou”.

“Perdoe a dívida dos outros. Assim como Deus perdoa as suas”;

“Os alguéns serão ninguéns e os ninguéns serão alguéns”;

“O oculto não é oculto para sempre. O segredo não é segredo para sempre”.

“O Reino de Deus é comparado a uma pequena semente de mostarda o suficiente para se perder entre as outras uma planta grande o suficiente para abrigar pássaros à sua sombra”;

“O Reino de Deus é assim: Um pescador puxou toda a sua rede do mar, dentre os pequenos peixes havia um único grande. Ele o agarrou e jogou de volta todos os outros”;

“Quando você acende uma fogueira você quer que o fogo queime”;

“Construa uma cidade sobre uma montanha e proteja-a bem. Ela não pode ser tomada, ela não pode ser escondida”;

“Para destruir a casa dos poderosos, você deve derrotar as armas que a protegem”;

“Aceitar o Reino é rejeitar o pai e a mãe. Aceitar o Reino é rejeitar irmãos e irmãs”;

“O Reino de Deus é assim: Um comerciante vendeu toda a sua mercadoria para comprar uma única pérola. (Mas como o Reino de Deus é assim?)”;

“Os ouvintes contaram: Sua família está aqui fora procurando por você. Jesus respondeu: Minha família está aqui dentro procurando por Deus”;

“O senhor jejua, Jesus? Os convidados jejuam numa festa de casamento?” “O Reino de Deus é assim: Um pastor deixou todo o seu rebanho para procurar aquele que se desgarrou. Ele o encontrou, o pegou e o trouxe de volta, e regozijou-se de tê-lo a salvo”;

“Ame o seu inimigo”;

“Se você pede ao seu pai terreno um pão, você recebe uma pedra? Se você pede ao seu pai terreno um peixe, você recebe uma cobra? Se você pede ao seu pai do céu qualquer coisa, você não a recebe?”;

“Você enterrou o seu coração onde escondeu o seu tesouro”; “Seguidor de Jesus: Devo dizer adeus à minha família. Jesus ao seguidor: Não olhe para trás quando agarrar o arado ou agarrar o Reino”;

“Para eles governantes são governantes e comandantes, comandantes. Para nós governantes são servos e comandantes, escravos”;

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que os ricos entrarem no Reino de Deus”;

“Corte a madeira. Eu estou ao lado de vocês. Erga a pedra. Eu estou entre vocês”;

“O Reino de Deus é assim: Uma mulher a caminho de casa não percebeu que a sua jarra trincada deixava escapar os grãos até que, quando finalmente chegou, a jarra estava vazia, os grãos perdidos”;

“O Reino de Deus é assim: Às seis da manhã um chefe de família contratou trabalhadores para trabalhar na sua vinha prometendo a eles um denário por dia de trabalho. Às nove, meio-dia, três e cinco ele contratou mais alguns prometendo a eles um salário justo. Às seis da tarde, os trabalhadores foram pagos: Aqueles contratados por último receberam um denário, aqueles contratados primeiro esperavam muito mais, mas eles também receberam somente um denário”;

“Dentro de casa, um homem rico vestia-se com luxo e se banqueteava suntuosamente todos os dias. Do lado de fora da casa, um homem pobre estava deitado, coberto de ferimentos, e implorava pelos restos da mesa do homem rico.
O homem pobre morreu e foi levado aos braços de Abraão.
O homem rico morreu e foi levado aos horrores do inferno. O homem rico pediu a Abraão que mandasse o homem pobre em seu auxílio, mas Abraão respondeu: Um dia você teve tudo e ele nada. Agora ele tem tudo e você nada. E entre vocês dois existe um abismo intransponível”.

Qual seria a síntese desse misterioso emaranhado de comunicados? Qual é a verdade cósmica que subjaz por trás destes enigmas transmitidos por Jesus Cristo, através dessas mensagens? O que está no âmago deste universo que Cristo buscou nos desvendar, conteúdo este trazido de sua consciência cósmica, de sua fonte?

Assim, passamos a buscar algumas pistas para o entendimento pleno desse legado.

Esta síntese, insisto, tem como um dos pilares principais a urgência e a necessidade do reconhecimento do divino em todos nós seres humanos.

Jesus incessantemente proclama, ora frontalmente, ora nas entrelinhas, para que concebemos Deus como estando sempre perto de nós o dia todo, a todo o momento, como um amigo íntimo, sendo nosso eterno e único companheiro de viagem.

Aconselhava seus discípulos para ficarem em silêncio, para que orassem e meditassem e, assim, sentissem a presença e a energia do próprio Deus, textualmente afirmando que "o reino de Deus está dentro de vós...", alertando-os que Deus é o substrato do que há de melhor e mais nobre em todos nós.

Como um professor ensinando crianças, ele insistia em viva voz e sempre para que todos os que o ouvissem praticassem a presença de Deus a todo instante e em todo o dia. Explicava em parábolas que Deus é a única causa, poder e substância do mundo. Que a matéria é ilusão e tudo o que você vê, sente e toca, é parte da manifestação do divino, é energia, é espírito. Principalmente, que cada pessoa que encontramos é composta desse mesmo Deus.

O alerta era no sentido de que o cipoal da ilusão tridimensional não nos distanciasse da divindade, da unidade e da imaterialidade de nossa realidade que é divina e etérea.

Passava a mensagem clara para que não importássemos com o que temos para fazer hoje. O que importava é que tudo fosse feito com Deus.

O código do Cristo Cósmico e as pistas para decifrá-lo estão baseadas nesta percepção da presença divina em todos nós e no eterno abraço do aqui e do agora, exaltando expressamente: “não vos inquieteis com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo” (Mateus 6:34) e “no mundo tereis aflições, eu venci o mundo” (João 16:33).

Este Cristo cósmico tentava nos tranquilizar, minimizando a aflição de nossas mentes cheias de pensamentos, problemas e dificuldades, afirmando enigmaticamente para mergulhamos na paz que ele nos transpassava, a sua própria paz, deixando-a gratuitamente disponível para que parássemos de turvar nossos corações com problemas irreais, insistindo que seria na realização do propósito divino que o propósito da vida individual de cada um ganharia um aspecto glorioso.

A chave do enigma é que o objetivo final do mundo não está dentro do mundo, mas na transcendência desse próprio mundo, alertando-nos para que passássemos a nos valorizar, focando o divino dentro de nós, com a conscientização de que não há maior presente de Deus do que nós mesmos. Que somos, em essência, esse presente junto com a própria vida que também é esse próprio presente. Que nosso eu divino é nossa companhia eterna e diária e deve ser cuidado, amado, preservado, mantido como um tesouro, com todo o esmero, carinho, respeito e dedicação.

Enfim, que não nos esqueçamos de nosso enraizamento no ser e de nossa natureza divina, a fim de que não nos percamos no mundo da confusão, da raiva, da depressão e da violência e

que estes sentimentos surgem quando os seres humanos se esquecem de quem eles realmente são.

O Jesus Cósmico alertava-nos que a ignorância de nossa própria natureza divina bem-aventurada, como não envolvida e independente da atividade mundana, nos livraria da influência escravizante da ação causadora das complicações e sofrimentos da vida.

O substrato destes inúmeros, e, por vezes, paradoxais conteúdos, aponta com a clara indicação de que para nos tornarmos espiritualmente grandes e em paz, o fundamental é que passemos a pensar, falar, agir e interagir no dia a dia a partir do centro divino ou ser divino que há em nós mesmos, além de sentirmos e olharmos para o mundo através dos olhos de Deus. Assim, a mensagem é de entrega, no sentido de que deixemos o nosso próprio ser superficial (euzinho) ser possuído pelo Deus interior. Uma vez que estejamos possuídos pelo nosso próprio ser (divino), o propósito de toda sabedoria cósmica de Cristo será alcançado.

A espinha dorsal e o substrato desses enigmas, repita-se, baseiam-se na entrega de todas nossas ações a Deus, e que essa entrega e renúncia são a realidade viva da vida de um homem cósmico. Assim, não se trata tal proposta de um pensamento fantasioso, ou de apenas um simples estado de espírito de entrega. Essa presença de Deus teria de ser a verdade de nossa vida na atividade e no dia a dia.

Em seu próprio exemplo de vida e comportamento, Jesus nos deixa claro que o reino da felicidade está em nossa consciência e que ela própria produz nossos pensamentos e sentimentos. Para

Jesus, a felicidade não se encontrava nas condições externas, realçando sempre a chave mestra dada por Jesus: “o reino de Deus está dentro de vós”.

Neste sentido, a missão dada por Jesus é de que sejamos exterminadores de maus pensamentos, que nos desintoxiquemos de toda tristeza, medos e preocupações, e que quando estas sensações vierem nos turvar, devemos aniquilá-las pela consciência divina. Ao contrário, tudo aquilo que nos chegar de pensamento e projeções boas e otimistas, deverá ser cuidado e preservado com força e esmero. Aliás, sua própria postura comportamental foi o legítimo exemplo disso, pois tratava-se de um ser alegre, otimista e festivo, não havendo em todos os anais históricos qualquer referência
a um Jesus melancólico ou pessimista.

Assim, Jesus expressamente indagava: “por que vocês estão sempre ansiosos? Será que seus pensamentos ansiosos podem acrescentar um simples dia a vossas vidas?” “Sejam transeuntes”, ou seja, não se apeguem, não parem estáticos perante as ilusões, não se fixem no nada material.

Essa consciência cósmica impõe-nos o esclarecimento por ele transmitido, no sentido de que só tem a paz aquele que consegue levitar na vontade de Deus, abraçando a insustentável leveza de seu próprio ser. Fica claro que para Jesus tudo vem de Deus, nosso nascimento e existência advém da vontade de Deus e são eles frutos de uma necessidade cósmica de uma realização, sendo que o universo crístico nos oferece todas as ferramentas para isso e para essa realização.

Finalizando esta dimensão cósmica, Cristo nos alerta para a percepção quanto à total relação simbiótica entre todos os seres da terra com o "Reino de Deus", e o universo, com o decreto de que não há cercas nem muros nos separando de nada nesse cosmos. De fato, hoje a ciência nos prova que não há nenhuma barreira separando nosso corpo "físico"da atmosfera que, por sua vez, também não está separada da estratosfera e de todo o universo em seus infinitos confins. Enfim, é tudo unido. Tudo é cosmos!

A separatividade é uma ilusão. Assim, resta a missão da necessidade de percebermos quanto à imensidão divina e infinita que existe do lado de fora do biombo de nosso corpo "físico", e também a imensidão divina e infinita que existe do lado de dentro do biombo do nosso corpo "físico".

A mensagem cósmica, enfim, nos propõem que superemos os densos limites que nossa cegueira, ilusão e limitação nos impõem.

Por estertor, Jesus nos conclama a abraçarmos nossa verdadeira dimensão cósmica e que jamais nos limitemos a ser de um bairro, de uma cidade, de um estado ou, quando muito, de um país. Os mais evoluídos e conscientes se enquadram como ocidentais ou orientais, poucos conseguem se inserir no contexto de que são seres do mundo, da terra como um todo, e, pouquíssimos, só os seres de consciência cósmica se percebem como entidades que compõem e são parte integrante do universo infinito, do reino de Deus. Esses poucos percebem a ilusão da separatividade e se conectam com o todo, se iluminando com a divindade da qual são parte inerente, ou seja,

respiramos o universo. Ao nos abastecermos dele e pelo fato de fazermos parte dessa composição, nós somos o universo!!! Somos o próprio Deus! Portanto a humanidade, para o Jesus Cósmico, não é terráquea, mas cósmica!

Estes são alguns dos legados deixados há 2 mil anos pelo maior de todos os homens, pelo maior de todos os santos, pelo maior de todos os magos, pelo maior de todos os filósofos, enfim pela maior concentração do divino em um ser que já transitou por esta existência entre o céu e a terra!

FIM

Bibliografia

ALT, F. As 100 Mensagens Mais Importantes de Jesus. São Paulo: Editora Pensamento, 2018.

CHEVROT, G. O Sermão da Montanha. São Paulo: Editora Quadrante. A-4. ed.

EHRMAN, B. D. O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?. São Paulo: Editora Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. Como Jesus Se Tornou Deus. São Paulo: Editora LeYa, 2014.

KASSER, R.; MEYER, M.; WURST, G. O Evangelho De Judas. São Paulo: Editora Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?. Rio de Janeiro: Editora Ediouro Publicações LTDA, 2010.

LEITE, E. F. Compilação de Deus. São Paulo: Diagramação e Projeto Gráfico Work Desing LTDA, 2010.

LEITE, E. F. O Campo Unificado. São Paulo: AD Central Tecnológica Gráfica Art Printer Gráficos LTDA, 2010.

LEITE, E. F. Pare de Sofrer - O Código do Bem. São Paulo: AD Central Tecnológica Gráfica Art Printer Gráficos LTDA, 2006.

LEITE, E. F. Atalhos – Acessos - Conexões.

CHOPRA, D. Você é o Universo – Crie Sua Realidade Quântica e Transforme Sua Vida. São Paulo: Editora Alaúde, 2017.

MURPHY, J. O Poder do Subconsciente. 62. ed. Rio de Janeiro: Editora Best Saller LTDA, 2014.

MURPHY, J. O Poder Cósmico da Mente. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Best Saller LTDA, 2012.

DEURSEN, F. V. 3 Mil Anos de Guerra. São Paulo: Editora Abril, 2017.

GLEISER, M. Criação Imperfeita – Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA, 2013.

QUEVEDO, O. G. S. J. Milagres – A Ciência Confirma a Fé. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

ARIAS, J. O Grande Segredo de Jesus. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2010.

ASLAN, R. Zelota – A Vida e a Época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CROSSAN, J. D. O Essencial de Jesus. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Jardim dos Livros LTDA, 2008.

ALVAREZ, R. Jesus, o Homem Mais Amado da História. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra LTDA, 2018.

ALEXANDRIA C. The Miscellanies. Tradução William Wilson. 2 volumes. Edimburgo, 1867, 1869 (Ante-Nicene Christian Library, vols. IV e XII).

EUSÉBIO. The History of the Church. Tradução G.A. Williamson. Harmondsworth, 1981.

EMESA H. An Aethiopian History written in Greek by Heliodorus Englished by Thomas Underdowne Anno 1587.

Londres, 1895.

HIPÓLITO. Philosophumena or the Refutation of all Heresies. Tradução F. Legge. 2 volumes. Londres, 1921.

APAMÉIA J. On the Mysteries of the Egyptians. Tradução Thomas Taylor. 1821. Reimpressão, Frome (The Prometheus Trust), 1990.

LYON, I. Against Heresies, em The Writings of Irenaeus. Tradução Alexander Roberts e W.H. Rambaut. 2 volumes. Edimburgo, 1868-69.

JOSEFO, Flávio. The Jewish War. Tradução G.A. Williamson, Harmondsworth, 1978.

JUSTINO, M. Dialogue with Trypho, em The Writings of Justin Martyr and Athenagoras. Tradução Marcus Dods, George Reith, B.P. Pratten. Edimburgo, 1867.

LÍVIO, T. The History of Rome. Tradução rev. Cônego Roberts. 6 volumes. Londres, 1905.

PLATÃO. Phaedo. Tradução David Gallop, Oxford, 1999.

PLÍNIO. Natural History. Tradução H. Rackman e W.H.S. Jones. 10 volumes. Londres, 1938-42.

PLUTARCO. Isis and Osiris. Tradução Frank Cole Babbitt, Cambridge (Mass.) e Londres, 1993 (Loeb Classical Library, Moralia, v. V).

RATZINGER, J. Church, Ecumenism and Politicics. Slough, 1988.

SUETÔNIO. The Twele Caesars. Tradução Robert Graves, Harmondsworth. 1979.

VIRGÍLIO. The Georgics. Tradução L.P. Wilkinson, Harmondsworth. 1982.

EINSTEIN, A. Como Vejo o Mundo. 19. ed. Tradução de H.P. de Andrade. Editora Nova Fronteira, 1981.

GOSWAMI, A. Deus Não Está Morto. 2. ed. Tradução Marcello Borges, 2015.

BRUCE, F.F. O Cânon das Escrituras. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. Editora Hagnos, 2017.

LENOIR, F. Sócrates, Jesus, Buda – Três Mestres de Vida. Tradução Véra Lucia dos Reis. Editora Objetiva, 2009.

JUNG, C. G. O Eu e o Inconsciente. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes, 1985.

HAWKING, S. Breves Respostas Para Grandes Questões. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Editora Intrínseca, 2018.

CUTLER, H. C. A Arte da Felicidade. Tradução Waldéa Barcellos. Editora Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER, A. Sobre a Vontade da Natureza. Tradução Gabriel Valladão Silva. 2013.

WILSON, E. Os Manuscritos do Mar Morto. Tradução Hildegard Feist. Editora Schwarcz, 2009.

SARAMAGO, J. O Evangelho Segundo Jesus Cristo. Editora Schwarcz, 2015.

MAHARSHI, R. Ensinamentos Espirituais. Tradução Terezinha Santos. Editora Cultrix, 1972.

TOLLE, E. O Poder do Agora. Tradução de Iva Sofia Gonçalves Lima. Editora Sextante, 2002.

YOGI, M. M. B. G. Sânscrito e Transliteração Românica. Tradução de Jayme da França Torres Junior e Márcia de Castilho Torres.

BENNET, E. A. O que Jung disse realmente. Tradução Álvaro Cabral. 1983.

GANCITANO, N. Descubra o Deus que existe dentro de você. Tradução Fal de Azevedo. 1. ed. 2012.

PASCAL, B. Pensamentos. Tradução Mário Laranjeira. Editora Martins Fontes, 2005.

YOGI, M. M. A Ciência do Ser e Arte de Viver. Tradução Maria Antonia Van Acker e José Eduardo Ramos de Oliveira. 6. ed. 2000.

EHRMAN, B. D. O Problema com Deus. Tradução Alexandre Martins. 2008.

HUBERMAN, L. História da Riqueza do Homem. Tradução Waltensir Dutra. 22. ed. 2014.

GLEISER, M. Criação Imperfeita. 6. ed. Editora Record, 2013.

JUNG, C. G. O Homem e Seus Símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 1977.

LUCAS, J. M. A Vida e o Espírito de Baruch de Espinosa. Tradução Éclair Antonio Almeida Filho. 2007.

BENJAMIM, C. Estudos Sobre Spinoza. Tradução Eliana Aguiar, Estela dos Santos Abreu, Vera Ribeiro. 2014.

Sumário

Introdução

Capítulo I
Não à religião

Capítulo II
Herança divina

Capítulo III
O Jesus quântico

Capítulo IV
O Jesus cósmico e seu roteiro impossível

Capítulo V
O Jesus cósmico e o Natal

Capítulo VI
O Jesus cósmico e Espinosa

Capítulo VII
O Jesus cósmico e o pai nosso

Capítulo VIII
O Jesus cósmico e o sermão da montanha

Capítulo IX
O Jesus cósmico e outras mensagens

Bibliografia

Sobre a Viseu

Sobre a Viseu



Essa e outras obras em:

eviseu.com

facebook.com/editoraviseu

twitter.com/editoraviseu

instagram.com/editoraviseu

Contatos:

contato@editoraviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?

originais@editoraviseu.com

EDUARDO FERREIRA LEITE

VOLUME 2

JESUS QUÂNTICO, JESUS CÓSMICO



JESUS TOTAL,
MUITO ALÉM
DAS RELIGIÕES

VISEU